



UNIVERSIDADE
FERNANDO
PESSOA

*Cartão Vermelho! A Desigualdade de Género no Jornalismo Desportivo
Português*

[Red Card! Gender Inequality in Portuguese Sports Journalism]

Projeto de Graduação

[1º Ciclo de Ciências da Comunicação]

Bárbara Mariana de Carvalho e Paiva Marques

Orientador:

Professor Dr. Ricardo Jorge Pinto

Julho 2026

Cartão Vermelho! A Desigualdade de Género no Jornalismo Desportivo Português

[Red Card! Gender Inequality in Portuguese Sports Journalism]

Projeto de Graduação

[1º Ciclo de Ciências da Comunicação]

Bárbara Mariana de Carvalho e Paiva Marques

Orientador:

Professor Dr. Ricardo Jorge Pinto

Junho 2026

Agradecimentos

A realização deste trabalho representa o culminar de um percurso académico que, para além do seu carácter investigativo, reflete também uma dimensão pessoal e profissional profundamente ligada às minhas aspirações e objetivos futuros.

Em primeiro lugar, expresso o meu reconhecimento a todas as mulheres jornalistas, especialmente aquelas que exercem a sua atividade no jornalismo desportivo. O seu percurso, dedicação e presença num setor historicamente marcado pela desigualdade de género constituem uma fonte de inspiração para o meu próprio futuro profissional, que ambiciona seguir essa mesma área. Este trabalho é também, em parte, um reflexo dessa motivação e desse objetivo pessoal.

Ao meu orientador, o Professor Doutor Ricardo Jorge Pinto, expresso o meu profundo agradecimento pela orientação prestada, pela disponibilidade demonstrada ao longo de todo o processo e pela confiança depositada no desenvolvimento deste projeto. O seu acompanhamento foi fundamental para a concretização deste trabalho.

À minha família, deixo um agradecimento sincero pelo apoio constante ao longo de todo o meu percurso académico. Pela confiança, paciência e incentivo em todas as fases, foram essenciais para a concretização deste caminho, e principalmente por nunca me deixarem desistir do meu sonho e fazerem tudo ao seu alcance para que se concretize.

Ao Francisco, agradeço pela presença constante e pelo apoio incondicional, às minhas amigas, deixo um agradecimento especial pela amizade, pela partilha e pelo apoio ao longo deste percurso. Por fim, às minhas colegas de curso, em especial à Inês e à Vera, agradeço o companheirismo, a entreaajuda e todos os momentos partilhados ao longo destes anos académicos.

Ao Porto Canal, expresso o meu profundo agradecimento pela oportunidade de realização do estágio curricular, que ultrapassou largamente o carácter formativo habitual de uma experiência deste tipo. Representou um espaço de aprendizagem prática, crescimento pessoal e profissional, e uma aproximação real ao contexto do jornalismo desportivo. Foi, sem dúvida, uma experiência marcante e fundamental para a construção deste percurso e para o desenvolvimento desta investigação.

Por fim, deixo um agradecimento geral a todos os que, direta ou indiretamente, contribuíram para este percurso académico. Cada apoio, incentivo e palavra de motivação teve um papel importante na construção deste trabalho e na conclusão desta etapa.

Resumo

Este projeto de graduação, analisa a presença das mulheres no jornalismo desportivo português, , procurando assim compreender a evolução da sua participação, os desafios que continuam a enfrentar e as mudanças que têm vindo a ocorrer no setor.

Ao longo do trabalho é explorada a evolução histórica do jornalismo desportivo, a sua afirmação em Portugal e o impacto das transformações digitais nos processos de produção e consumo de informação desportiva. A investigação centra-se particularmente na questão da desigualdade de género num espaço tradicionalmente marcado pela predominância masculina.

A investigação foi complementada através de entrevistas a duas jornalistas do Porto Canal, o que permitiu recolher testemunhos sobre as suas experiências profissionais e perceções relativamente à igualdade de género no contexto do jornalismo desportivo. Os resultados demonstram que, apesar de persistirem desafios relacionados com a credibilidade, a visibilidade e determinados estereótipos sociais, têm sido registados avanços significativos na integração das mulheres nesta área.

A experiência de estágio permitiu observar um ambiente profissional caracterizado pela igualdade de oportunidades e pela valorização das competências individuais, independentemente do género, evidenciando o Porto Canal como um caso de sucesso de inclusão no panorama do jornalismo desportivo português.

Palavras-chave: Jornalismo Desportivo, Mulheres Jornalistas, Igualdade de Género, Media Desportivos, Porto Canal, Jornalismo em Portugal.

Abstract

This graduation project analyses the presence of women in Portuguese sports journalism, seeking to understand the evolution of their participation, the challenges they continue to face, and the changes that have taken place within the sector.

Throughout the study, the historical development of sports journalism, its consolidation in Portugal, and the impact of digital transformations on the production and consumption of sports information are explored. Particular attention is given to the issue of gender inequality in a field that has traditionally been dominated by men.

The research was complemented by interviews with two journalists from Porto Canal, allowing the collection of testimonies regarding their professional experiences and perceptions of gender equality within the context of sports journalism. The findings show that, although challenges related to credibility, visibility, and certain social stereotypes still persist, significant progress has been made in the integration of women into this field.

The internship experience provided the opportunity to observe a professional environment characterised by equal opportunities and the recognition of individual skills regardless of gender, highlighting Porto Canal as a successful example of inclusion within the Portuguese sports journalism landscape.

Keywords: Sports Journalism; Women Journalists; Gender Equality; Sports Media; Porto Canal; Journalism in Portugal.

Índice Geral

Introdução	1
Capítulo 1 — Jornalismo Desportivo: Enquadramento Teórico e Mediático	3
1.1. Conceito de Jornalismo Desportivo	3
1.2. Evolução Histórica do Jornalismo Desportivo	5
1.3. O Desporto como Conteúdo Mediático	6
1.4. Rotinas Jornalísticas e Critérios de Noticiabilidade	8
1.5. Género e Representação nos Media	10
1.5.1. Representação feminina nos media	11
1.5.2. Estereótipos de género no jornalismo	12
1.5.3. Igualdade de género na comunicação social	13
Capítulo 2 — O Jornalismo Desportivo em Portugal: Estrutura, Evolução e Dinâmicas Mediáticas	15
2.1. Evolução do Jornalismo Desportivo em Portugal	15
2.2. A Imprensa Desportiva Portuguesa	17
2.3. O papel dos principais jornais desportivos na construção da agenda mediática	19
2.4. O jornalismo desportivo e a centralidade do futebol na cobertura mediática	20
2.5. O O Jogo, a Bola e Record no panorama da imprensa desportiva portuguesa	22
2.6. Transformações recentes: digitalização e novos consumos mediáticos	24
Capítulo 3 — Mulheres no Jornalismo Desportivo: Experiências, Barreiras e Transformações	26
3.1. Trajetória da presença feminina no jornalismo desportivo em Portugal	26
3.2. Barreiras encontradas: credibilidade, aparência, funções limitadas	29
3.3. O Papel dos clubes, canais e redações nas práticas de inclusão	32
3.4. Barreiras estruturais e simbólicas no acesso e progressão na carreira	34
3.5. Perspetiva Pública sobre as Desigualdades	35
3.5.1. Visibilidade das mulheres no jornalismo desportivo	36
3.5.2. Perceção de desigualdade e credibilidade	37
3.5.3. O jornalismo desportivo como espaço ainda masculinizado	38
3.5.4. Perspetivas de mudança e igualdade no setor	38
3.6. Porto Canal: práticas, representatividade, evolução e sucesso	39
Conclusão	43
Referências Bibliográficas	45

Introdução

O jornalismo desportivo tem sido, ao longo da sua história, um espaço predominantemente associado à presença masculina, tanto ao nível da produção jornalística como na construção das narrativas mediáticas sobre o desporto. Desde os primeiros registos na imprensa até às atuais dinâmicas televisivas e digitais, a participação feminina neste campo tem sido historicamente reduzida, ainda que se observe, nas últimas décadas, uma progressiva entrada de mulheres em diferentes funções dentro das redações.

Apesar desta evolução, a integração das mulheres no jornalismo desportivo continua a ser marcada por desafios estruturais e simbólicos, nomeadamente no que diz respeito à credibilidade profissional, à visibilidade mediática e à atribuição de funções dentro das organizações jornalísticas. Estas são questões que evidenciam o facto de que a desigualdade de género permanece como uma problemática relevante no contexto dos media em Portugal.

A escolha deste tema resulta também da minha experiência de estágio curricular realizado no Porto Canal, onde foi possível observar e vivenciar de forma direta a dinâmica das redações desportivas e a presença de profissionais femininas na área. Esta experiência despertou o interesse em compreender se a crescente participação das mulheres reflete uma transformação estrutural no setor ou se ainda se trata de uma presença condicionada por limitações e desigualdades persistentes.

Neste sentido, a presente investigação tem como pergunta de partida: De que forma se manifesta a desigualdade de género no jornalismo desportivo em Portugal, e em que medida a crescente presença de mulheres no setor representa uma transformação estrutural ou apenas uma mudança superficial?

Este estudo une um enquadramento teórico, uma análise do contexto do jornalismo desportivo em Portugal, e a exploração de experiências profissionais e perceções recolhidas no ao longo do estágio e de entrevistas realizadas.

A estrutura do trabalho divide-se em três capítulos. O primeiro apresenta o enquadramento teórico do jornalismo desportivo, abordando a sua evolução, rotinas profissionais e relação com a representação de género nos media. O segundo capítulo centra-se no panorama português, e explora a centralidade do futebol na cobertura desportiva e as transformações recentes provocadas pela digitalização.

Por fim, o terceiro capítulo analisa a presença das mulheres no jornalismo desportivo, explorando os seus desafios, percursos e dinâmicas institucionais, incluindo o caso do Porto Canal enquanto exemplo de práticas e representatividade.

Com isto, pretende-se contribuir para uma leitura crítica das desigualdades de género no jornalismo desportivo, sublinhando a importância de práticas mais inclusivas e da valorização do mérito profissional independentemente do género.

Capítulo 1 — Jornalismo Desportivo: Enquadramento Teórico e Mediático

1.1. Conceito de Jornalismo Desportivo

O jornalismo desportivo constitui uma área especializada do jornalismo dedicada à recolha, produção, seleção e difusão de informação relacionada com o universo do desporto. Esta especialização abrange a cobertura de competições, atletas, clubes, federações, organizações desportivas e outros fenómenos associados à prática desportiva, incluindo ainda os seus impactos sociais, culturais, económicos e políticos. Mais do que relatar acontecimentos ou divulgar resultados, o jornalismo desportivo desempenha um papel fundamental na mediação entre o fenómeno desportivo e a sociedade.

Segundo Boyle e Haynes (2009), o jornalismo desportivo desenvolveu-se através de diferentes plataformas mediáticas, incluindo imprensa, rádio, televisão e meios digitais, e envolveu práticas específicas de recolha, tratamento e disseminação da informação. É uma área caracterizada por uma forte ligação aos ritmos dos eventos desportivos e às exigências da atualidade, exigindo dos jornalistas uma capacidade constante de adaptação às dinâmicas do setor.

Embora seja frequentemente associado à cobertura de competições e de resultados, o jornalismo desportivo ultrapassa a simples descrição factual dos acontecimentos. Tal como acontece noutras especializações jornalísticas, envolve processos de análise, interpretação, contextualização e investigação. Neste sentido, um jornalista desportivo não se limita a informar sobre o que aconteceu, mas procura também explicar as circunstâncias, consequências e significados associados aos acontecimentos desportivos.

A relação entre o desporto e os media tornou-se particularmente relevante nas sociedades contemporâneas. De acordo com Rowe (2004), o crescimento do desporto enquanto fenómeno global está intimamente ligado ao desenvolvimento dos meios de comunicação, onde se verificou uma relação de interdependência entre ambos. Os media desempenham um papel central na construção da visibilidade dos atletas, das competições e das instituições desportivas, e contribuem para a transformação do desporto num dos conteúdos mais consumidos a nível mundial.

Esta especialização apresenta ainda características próprias que a distinguem de outras áreas do jornalismo. O desporto é frequentemente marcado por elevados níveis de emoção, rivalidade, identificação coletiva e envolvimento do público. Tudo isto são fatores que influenciam a produção e o consumo da informação desportiva. Neste contexto, torna-se particularmente importante

assegurar o rigor, a credibilidade e a verificação dos factos, distinguindo claramente a informação jornalística da opinião, do entretenimento ou das preferências clubísticas.

Diversos autores identificam precisamente a tensão entre informação e entretenimento como uma das características centrais do jornalismo desportivo. O elevado interesse do público pelo desporto leva os meios de comunicação a recorrerem não apenas à notícia tradicional, mas também a formatos como entrevistas, reportagens, crónicas, comentários e programas de debate. Esta diversidade de conteúdos contribui para a construção de narrativas mediáticas que ultrapassam o acontecimento desportivo em si, e influenciam perceções, identidades e sentimentos de pertença entre adeptos e comunidades.

Durante muitos anos, o jornalismo desportivo foi considerado uma área secundária dentro das redações. Rowe (2007) refere que esta especialização era frequentemente designada como o “toy department” do jornalismo. No entanto, o autor defende que esta perspetiva ignora a capacidade do desporto para refletir e influenciar questões relacionadas com identidade nacional, cultura, poder, género, classe social e globalização.

A evolução tecnológica veio também transformar profundamente esta área. A expansão da televisão, seguida pelo desenvolvimento da internet e das redes sociais, alterou as formas de produção e de consumo da informação desportiva. Atualmente, a cobertura em tempo real, os conteúdos multimédia e a interação constante com as audiências fazem parte do quotidiano dos jornalistas desportivos, e exigem novas competências e estratégias de comunicação diariamente.

Por outro lado, a crescente importância económica da indústria do desporto contribuiu para ampliar o âmbito de atuação do jornalismo desportivo. Para além da cobertura de jogos e competições, os jornalistas acompanham questões relacionadas com direitos televisivos, patrocínios, marketing desportivo, gestão de clubes, transferências de atletas e políticas públicas associadas ao desporto. Desta forma, o jornalismo desportivo assume-se como uma área complexa e multifacetada, que exige conhecimento especializado e capacidade de análise crítica.

Assim, o jornalismo desportivo pode ser entendido como uma especialização jornalística que combina informação, interpretação e análise de fenómenos desportivos, contribuindo para a sua compreensão pública e para a construção das narrativas que moldam a relação entre o desporto, os media e a sociedade. Mais do que relatar resultados ou acontecimentos competitivos, participa ativamente na construção simbólica e cultural do desporto enquanto fenómeno social de grande relevância contemporânea.

1.2. Evolução Histórica do Jornalismo Desportivo

A evolução do jornalismo desportivo está intimamente ligada ao desenvolvimento do próprio desporto enquanto fenómeno social e ao crescimento dos meios de comunicação de massas. Ao longo dos séculos XIX e XX, a crescente popularidade das atividades desportivas levou ao aparecimento de espaços dedicados à sua cobertura nos jornais, contribuindo para a consolidação de uma área especializada do jornalismo.

Os primeiros registos de informação desportiva surgiram na imprensa europeia durante o século XIX, numa época marcada pela expansão da imprensa escrita e pela crescente organização das competições desportivas. Segundo Boyle e Haynes (2009), modalidades como as corridas de cavalos, o boxe e, posteriormente, o futebol começaram a ocupar espaço regular nos jornais, despertando o interesse de um público que se foi revelando cada vez mais amplo. Nesta fase inicial, a cobertura limitava-se sobretudo à descrição dos resultados e dos acontecimentos competitivos, sem grandes preocupações analíticas ou interpretativas.

O processo de industrialização e urbanização vivido em diversos países europeus contribuiu para a popularização do desporto como uma forma de lazer e de entretenimento. Paralelamente, o aumento da alfabetização e o crescimento da circulação de jornais favoreceram o desenvolvimento da imprensa desportiva. Como refere Rowe (2004), o desporto e os media evoluíram de forma interdependente, reforçando mutuamente a sua influência social e cultural.

Durante o início do século XX, o jornalismo desportivo começou a assumir uma presença mais significativa nos meios de comunicação. A realização de grandes competições internacionais, como os Jogos Olímpicos modernos, retomados em 1896, e os campeonatos mundiais de diversas modalidades, contribuiu para o aumento da procura de informação desportiva. O futebol destacou-se progressivamente como a modalidade com maior cobertura mediática, especialmente na Europa e na América do Sul.

O surgimento da rádio representou um marco importante na história do jornalismo desportivo. Pela primeira vez, os acontecimentos podiam ser acompanhados em tempo real por milhares de pessoas. As transmissões radiofónicas aproximaram os adeptos das competições e transformaram a forma como o público consumia a informação desportiva. Segundo Briggs e Burke (2009), a rádio revolucionou a comunicação desportiva ao introduzir a narração em direto, criando uma experiência de proximidade até então inexistente.

A partir da segunda metade do século XX, a televisão tornou-se o principal meio de difusão do desporto. A transmissão de eventos com imagem ampliou significativamente o alcance das competições e alterou profundamente as rotinas do jornalismo desportivo. O impacto televisivo foi particularmente evidente em grandes eventos internacionais, como os Jogos Olímpicos e os Campeonatos do Mundo de Futebol, que passaram a ser acompanhados por audiências globais. Como salienta Whannel (2009), a televisão transformou o desporto num espetáculo mediático de escala mundial, e reforçou a sua importância económica e cultural.

Nas últimas décadas, a digitalização dos media trouxe novos desafios e oportunidades para o setor. O aparecimento da internet e das redes sociais alterou profundamente os hábitos de consumo de informação, o que tornou a atualização permanente uma exigência das redações. Atualmente, os jornalistas desportivos produzem conteúdos para múltiplas plataformas, incluindo websites, aplicações móveis, podcasts, vídeos e redes sociais. Esta transformação tecnológica aumentou a velocidade da informação, mas também levantou novos desafios relacionados com a verificação de factos, a credibilidade das fontes e também a pressão pela publicação imediata.

De acordo com Boyle (2017), o jornalismo desportivo contemporâneo encontra-se num processo contínuo de adaptação às mudanças tecnológicas e às novas formas de consumo mediático. Apesar destas transformações, mantém a sua função essencial de informar, interpretar e contextualizar os acontecimentos desportivos para diferentes públicos.

Assim, a evolução histórica do jornalismo desportivo demonstra que esta especialização acompanhou as mudanças sociais, tecnológicas e culturais verificadas ao longo dos últimos dois séculos. De uma inicial cobertura centrada na descrição de resultados, passou a constituir uma área complexa e multifacetada, que desempenha um papel fundamental na construção mediática do fenómeno desportivo e na sua crescente relevância social.

1.3. O Desporto como Conteúdo Mediático

O desporto ocupa atualmente um lugar de destaque nos meios de comunicação, sendo um dos conteúdos mais consumidos a nível mundial. A sua presença constante na imprensa, na rádio, na televisão e, mais recentemente, nas plataformas digitais demonstra a importância que assumiu nas sociedades contemporâneas nos dias de hoje. Para além da sua dimensão competitiva, o desporto tornou-se num fenómeno social, cultural e económico que mobiliza milhões de pessoas e gera elevados níveis de interesse público.

A relação entre o desporto e os media foi-se fortalecendo ao longo do tempo. A crescente cobertura mediática das competições permitiu aumentar a visibilidade dos atletas, das equipas e das organizações desportivas, e contribuiu para a expansão global de diversas modalidades. Simultaneamente, os meios de comunicação beneficiaram da popularidade do desporto para atrair audiências, aumentar receitas publicitárias e fidelizar consumidores de conteúdos.

Uma das principais características do desporto enquanto conteúdo mediático é a sua capacidade de gerar envolvimento emocional. A imprevisibilidade dos resultados, a existência de rivalidades, os momentos de superação e a identificação dos adeptos com equipas ou atletas transformam os acontecimentos desportivos em narrativas capazes de captar a atenção do público. Esta dimensão emocional distingue o desporto de muitos outros temas abordados pelos media e explica a sua forte presença na agenda mediática.

A televisão desempenhou um papel fundamental na consolidação do desporto como produto mediático. A transmissão em direto permitiu aproximar os espectadores dos eventos desportivos e contribuiu para transformar competições nacionais e internacionais em acontecimentos de grande impacto. Com o desenvolvimento das tecnologias digitais, esta relação tornou-se ainda mais intensa. Atualmente, os conteúdos desportivos circulam de forma permanente através de websites, aplicações, redes sociais e de plataformas de streaming, o que permite aos utilizadores acompanhar os acontecimentos em tempo real.

Para além da função informativa, os media participam ativamente na construção da imagem pública do desporto. Através da seleção dos acontecimentos noticiados, da escolha dos protagonistas e do destaque atribuído a determinadas modalidades, os meios de comunicação influenciam a forma como o público interpreta e valoriza o fenómeno desportivo. Neste processo, contribuem também para a criação de ídolos, para a valorização de determinadas competições e para a construção de identidades coletivas associadas ao desporto.

A importância económica do desporto também reforçou a sua presença mediática. Os direitos de transmissão, os patrocínios, a publicidade e as estratégias de marketing, transformaram o desporto num dos setores mais lucrativos da indústria da comunicação. Em muitos casos, os grandes eventos desportivos assumem uma relevância mediática comparável à dos principais acontecimentos políticos, culturais ou sociais.

Contudo, a cobertura mediática do desporto não é distribuída de forma equilibrada. Algumas modalidades recebem uma atenção significativamente superior a outras, sendo o futebol o exemplo

mais evidente em diversos países. Além disso, persistem desigualdades na visibilidade atribuída ao desporto feminino, realidade que tem sido um alvo de crescente debate e de investigação académica.

Desta forma, o desporto deve ser entendido como um conteúdo mediático de elevada relevância social, cultural e económica. A sua capacidade de mobilizar audiências, gerar narrativas e influenciar perceções torna-o um dos elementos centrais do sistema mediático contemporâneo.

1.4. Rotinas Jornalísticas e Critérios de Noticiabilidade

O trabalho jornalístico assenta num conjunto de procedimentos e de práticas que orientam a produção de notícias no quotidiano das redações. Estas rotinas jornalísticas permitem organizar o processo de recolha, de seleção, de verificação e de difusão da informação, garantindo que os conteúdos produzidos respondem às exigências de atualidade, relevância e rigor que caracterizam a atividade jornalística. No caso do jornalismo desportivo, estas práticas assumem características próprias devido à rapidez dos acontecimentos, à forte ligação ao calendário competitivo e à necessidade de acompanhar permanentemente um universo marcado por resultados, atletas, clubes e competições.

A produção noticiosa inicia-se com a identificação de acontecimentos considerados relevantes para o público. Os jornalistas acompanham diferentes fontes de informação, como conferências de imprensa, eventos desportivos, declarações de atletas e de treinadores, comunicados oficiais, comunicados em redes sociais, clubes, federações e agências noticiosas. A partir desta recolha, as redações avaliam quais os acontecimentos que apresentam um maior interesse jornalístico e que devam integrar a agenda mediática.

Esta seleção é orientada pelos critérios de noticiabilidade ou valores-notícia. Segundo Traquina (2007), os valores-notícia correspondem às características que tornam um determinado acontecimento relevante para ser transformado em notícia. Entre os critérios mais importantes encontram-se a atualidade, a proximidade, o impacto, a notoriedade dos intervenientes, o conflito, a novidade e o interesse público. Estes fatores funcionam como orientadores das decisões editoriais e influenciam a forma como os acontecimentos são hierarquizados dentro dos meios de comunicação.

No jornalismo desportivo, estes critérios apresentam particularidades devido à natureza do próprio desporto. A atualidade assume uma importância central, uma vez que resultados, lesões, transferências, declarações e acontecimentos nas competições exigem uma resposta rápida por parte dos jornalistas. O conflito também tem uma grande relevância, uma vez que surge através das rivalidades entre clubes, polémicas, decisões arbitrais ou disputas entre diferentes intervenientes do universo desportivo. A notoriedade dos atletas, treinadores e instituições influencia igualmente a atenção mediática atribuída a determinados acontecimentos.

As rotinas dos jornalistas desportivos são fortemente condicionadas pelo calendário das provas e pelos ritmos próprios das competições. Jogos, treinos, conferências de imprensa, períodos de transferências e grandes eventos internacionais estruturam grande parte do trabalho das redações. Esta realidade obriga os profissionais a trabalhar frequentemente com prazos reduzidos e com a necessidade de atualizar informação quase em tempo real, sobretudo com o crescimento das plataformas digitais.

Um exemplo evidente da aplicação destes critérios pode observar-se na cobertura dada aos grandes clássicos e dérbis do futebol português. Um encontro entre clubes com maior expressão mediática tende a receber mais destaque do que uma competição de menor visibilidade, não apenas pelo resultado em si, mas pela dimensão das equipas envolvidas, pela rivalidade existente, pelo impacto esperado na competição e pelo interesse gerado junto do público. Desta forma, determinados clubes e modalidades acabam por ocupar uma posição central na agenda dos meios de comunicação.

Esta desigualdade na distribuição da atenção mediática também se verifica quando se compara a cobertura do futebol com a cobertura de outras modalidades desportivas. Uma notícia relacionada com uma transferência de um jogador de grande reconhecimento público apresenta normalmente maior probabilidade de destaque do que acontecimentos igualmente relevantes noutras modalidades com menor exposição mediática. Esta realidade demonstra que as rotinas jornalísticas não refletem apenas a importância objetiva dos acontecimentos, mas também fatores relacionados com audiências, mercado e tradições culturais associadas ao consumo desportivo.

Outro elemento fundamental das rotinas jornalísticas é a relação com as fontes de informação. A credibilidade da cobertura depende da qualidade e diversidade das fontes utilizadas. No jornalismo desportivo, os profissionais recorrem frequentemente a atletas, treinadores, dirigentes, clubes, federações, especialistas e documentos oficiais. Contudo, o crescimento das estratégias de comunicação próprias das organizações desportivas, através de assessorias e de plataformas digitais,

alterou esta relação. Os clubes e atletas passaram a produzir diretamente conteúdos para o público, influenciando a circulação da informação e colocando novos desafios ao papel mediador do jornalista.

A digitalização transformou ainda mais estas práticas profissionais. A existência de websites, redes sociais e plataformas de transmissão obrigou a que as redações tivessem que adaptar os seus métodos de trabalho, aumentando a velocidade de publicação e a necessidade de produção de conteúdos para diferentes formatos. Embora estas ferramentas permitam uma maior proximidade com as audiências, aumentam também a pressão sobre os jornalistas, que precisam de equilibrar a rapidez com a verificação e com o rigor informativo.

Assim, as rotinas jornalísticas e os critérios de noticiabilidade desempenham um papel essencial na forma como o desporto é representado pelos media. No jornalismo desportivo, estas escolhas influenciam não apenas os acontecimentos que recebem visibilidade, mas também os atletas, clubes e modalidades que ganham maior reconhecimento por parte do público.

1.5. Género e Representação nos Media

Os meios de comunicação desempenham um papel fundamental na construção e na circulação de representações sociais, e influenciam a forma como diferentes grupos, identidades e realidades são percebidos pela sociedade. Através das escolhas editoriais, das narrativas produzidas e das figuras que recebem visibilidade pública, os media não refletem apenas a realidade social, mas também contribuem para a sua construção simbólica (Hall, 1997).

A representação mediática do género constitui uma área de estudo relevante na comunicação, uma vez que os meios de comunicação participam na definição de papéis sociais, expectativas e modelos associados ao género feminino e ao masculino. As imagens, discursos e narrativas presentes nos media podem reforçar determinadas ideias sobre género, mas também podem contribuir para questionar normas tradicionais e promover novas formas de representação.

O conceito de género ultrapassa a dimensão biológica, estando relacionado com construções sociais e culturais que definem comportamentos, funções e características atribuídas a homens e mulheres. Neste sentido, os media assumem um papel importante na reprodução ou transformação dessas mesmas construções, através da forma como apresentam diferentes sujeitos e das posições que lhes atribuem dentro do espaço público (Butler, 1990).

A visibilidade mediática é um dos elementos centrais nesta discussão. Ter presença nos meios de comunicação não significa apenas aparecer, mas também ser representado de forma equilibrada, diversificada e com o reconhecimento de competência.

A relação entre género e media torna-se ainda mais complexa quando é analisada em áreas historicamente associadas ao universo masculino, como é caso do desporto.

No jornalismo desportivo, esta questão ganha uma especial relevância devido à ligação histórica entre o desporto a uma cultura predominantemente masculina. Durante muito tempo, a cobertura mediática desportiva privilegiou figuras masculinas, tanto a nível dos atletas representados como dos profissionais responsáveis pela produção das notícias. Esta realidade contribuiu para criar uma associação entre o desporto, masculinidade e autoridade, e influenciou a forma como as mulheres são vistas dentro deste espaço profissional (Hardin & Shain, 2005).

A representação de género nos media envolve não apenas a presença de homens e mulheres nas notícias, mas também a forma como essa presença é construída. A visibilidade, o reconhecimento da competência e o enquadramento dados aos profissionais são elementos fundamentais para compreender se existe uma representação equilibrada ou se continuam presentes desigualdades simbólicas.

Neste sentido, analisar o género no jornalismo desportivo permite compreender de que forma as mulheres têm conquistado espaço numa área tradicionalmente masculinizada, quais os obstáculos que permanecem e como os media contribuem para reforçar ou transformar estas dinâmicas.

1.5.1. Representação feminina nos media

A representação feminina nos meios de comunicação está relacionada com a forma como as mulheres são incluídas, valorizadas e reconhecidas no espaço mediático. No jornalismo, esta representação não depende apenas da presença de mulheres enquanto protagonistas das notícias, mas também da visibilidade que lhes é atribuída, dos papéis que ocupam e da forma como são enquadradas nos conteúdos produzidos.

Historicamente, a presença das mulheres nos media foi marcada por uma menor visibilidade e por uma representação frequentemente condicionada por ideias tradicionais de género. Durante muito tempo, as mulheres surgiram menos como especialistas, fontes de informação ou figuras de autoridade, aparecendo muitas vezes associadas a dimensões pessoais, emocionais ou relacionadas com a aparência. Esta realidade contribuiu para uma construção mediática onde o espaço público e o conhecimento especializado eram frequentemente associados ao masculino.

No jornalismo desportivo, esta questão torna-se ainda mais evidente devido à ligação histórica entre o desporto e a masculinidade. A cobertura desportiva foi durante décadas centrada em atletas, treinadores, dirigentes e comentadores homens, e criaram uma perceção de que o desporto, especialmente modalidades de grande visibilidade como o futebol, seria um território predominantemente masculino (Bruce, 2016).

A representação das mulheres no jornalismo desportivo envolve diferentes dimensões: a forma como as atletas são apresentadas, a presença de mulheres como fontes e especialistas e a integração das mulheres enquanto profissionais responsáveis pela produção da informação. Mesmo quando existe presença feminina, esta nem sempre significa igualdade, uma vez que a forma de representação pode continuar marcada por diferenças na valorização e no reconhecimento.

No contexto português, o relatório do Global Media Monitoring Project citado em 2026 indicou que as mulheres representam apenas 24% das pessoas visíveis no noticiário e que a sua presença como fontes de informação permanece muito inferior à dos homens. Além disso, essa mesma investigação aponta para uma maior visibilidade feminina em temas periféricos ou explicitamente marcados pelo género, como celebridades, artes, media e violência de género. Isto demonstra que a representação feminina continua condicionada por lógicas de seleção mediática que mantêm as mulheres fora dos espaços com uma maior autoridade jornalística (GMMP, 2020).

Um exemplo desta desigualdade pode observar-se na diferença entre a cobertura de atletas homens e mulheres. Enquanto a cobertura masculina tende a centrar-se sobretudo no desempenho, nos resultados e na dimensão competitiva, as mulheres podem ser mais frequentemente associadas a aspetos externos à sua atividade desportiva, como a aparência, vida pessoal ou a ideia de exceção dentro do espaço desportivo.

Apesar da evolução registada nas últimas décadas, com o aumento da presença feminina nas redações e nos conteúdos desportivos, continuam a existir desafios relacionados com a visibilidade, credibilidade e reconhecimento profissional.

1.5.2. Estereótipos de género no jornalismo

Os estereótipos de género correspondem a ideias generalizadas sobre características, comportamentos e capacidades atribuídas a homens e mulheres. No jornalismo, estes estereótipos podem influenciar a forma como os acontecimentos são apresentados, os protagonistas escolhidos e a perceção pública sobre os diferentes profissionais.

No jornalismo desportivo, os estereótipos estão frequentemente ligados à ideia de que o desporto exige características tradicionalmente associadas ao masculino, como a força, a competitividade, a autoridade e domínio técnico. Esta associação histórica contribuiu para criar barreiras simbólicas à participação das mulheres, tanto enquanto protagonistas das notícias como enquanto profissionais da área (Hardin & Shain, 2005).

Estes padrões podem ser identificados na própria cobertura mediática. As mulheres atletas continuam, em muitos casos, a receber menos atenção do que os homens e, quando aparecem, podem ser enquadradas através de uma perspetiva marcada pelo género. Por vezes, a notícia destaca mais o facto de uma mulher estar presente num determinado espaço desportivo do que propriamente o seu desempenho, resultados ou competência.

No futebol feminino, por exemplo, ainda é possível encontrar abordagens que apresentam determinadas conquistas como acontecimentos inesperados ou excecionais, como se a presença feminina neste universo do desporto fosse uma novidade. Em contraste, o futebol masculino já é frequentemente tratado como a referência principal do desporto, recebendo um maior espaço, uma continuidade e uma autoridade mediática (Bruce, 2016).

Os estereótipos também afetam diretamente as jornalistas desportivas, uma vez que em alguns contextos, estas profissionais enfrentam dúvidas injustificadas sobre o seu conhecimento e capacidade, sendo avaliadas através de critérios diferentes dos seus colegas homens (North, 2016).

A necessidade de provar constantemente competência revela que a desigualdade não está apenas nos conteúdos publicados, mas também dentro das próprias estruturas profissionais e nas opiniões já integradas nos espectadores.

1.5.3. Igualdade de género na comunicação social

A igualdade de género na comunicação social desportiva não depende apenas da presença de mulheres nas redações, mas também da forma como estas participam na produção jornalística, nas decisões editoriais e nos espaços de maior influência dentro das organizações mediáticas.

Embora o número de mulheres no jornalismo tenha aumentado, a presença feminina não significa automaticamente igualdade. É necessário analisar também a distribuição das funções, o acesso a cargos de liderança, a participação em decisões editoriais e o reconhecimento atribuído às profissionais. Uma redação pode ter várias mulheres jornalistas e, ainda assim, manter estruturas onde os lugares de maior autoridade continuam predominantemente ocupados por homens (UNESCO, 2012).

No jornalismo desportivo, esta questão é particularmente relevante devido à tradição masculina do setor. A igualdade implica não apenas permitir a entrada de mulheres nesta área, mas garantir que estas têm oportunidades semelhantes de progressão e de acesso a funções como os comentários, análises, reportagens de grandes eventos e cargos de coordenação e chefia.

A construção de uma comunicação social mais equilibrada depende também da forma como os conteúdos são produzidos. A escolha das fontes, dos especialistas e dos protagonistas influencia diretamente a perceção do público sobre quem possui conhecimento e autoridade no desporto. Uma cobertura mais diversa permite incluir diferentes perspetivas e contribui para uma representação mais completa da realidade desportiva.

A igualdade de género no jornalismo desportivo deve ser analisada em três dimensões principais: a presença das mulheres enquanto profissionais, a representação feminina nos conteúdos mediáticos e a transformação das práticas editoriais. Apenas através da evolução conjunta destes fatores é possível ultrapassar uma tradição que é historicamente marcada pela desigualdade e construir um espaço desportivo mais inclusivo (EIGE, 2020).

Capítulo 2 — O Jornalismo Desportivo em Portugal: Estrutura, Evolução e Dinâmicas Mediáticas

2.1. Evolução do Jornalismo Desportivo em Portugal

A evolução do jornalismo desportivo em Portugal está diretamente relacionada com as transformações dos meios de comunicação e com a crescente importância do desporto enquanto fenómeno social, cultural e mediático. Ao longo das últimas décadas, esta área passou de uma cobertura essencialmente centrada na imprensa escrita para um modelo de multiplataformas, onde diferentes meios contribuem para a produção, distribuição e consumo de informação desportiva (Pinheiro, 2010).

Numa fase inicial, a imprensa teve um papel fundamental na afirmação do jornalismo desportivo português, através da criação de publicações dedicadas ao acompanhamento das competições, de clubes e de atletas. Estes conteúdos eram maioritariamente baseados na descrição dos acontecimentos, resultados de jogos e principais acontecimentos das modalidades. Com o crescimento do interesse público pelo desporto, especialmente pelo futebol, a informação desportiva começou a conquistar um espaço mais relevante dentro do panorama mediático nacional.

A rádio representou uma das primeiras grandes transformações na forma de acompanhar o desporto. A possibilidade de transmitir acontecimentos em direto aproximou os públicos dos jogos e criou uma nova relação emocional entre adeptos e modalidades. A narração radiofónica permitiu ao público acompanhar o ritmo da competição através da voz do jornalista, tornando o relato desportivo uma experiência mais imediata e participativa.

Posteriormente, a televisão trouxe uma mudança ainda mais significativa, acrescentou a componente visual à experiência desportiva. Através da imagem em movimento, os espectadores passaram a acompanhar não apenas o resultado, mas também os atletas, treinadores, árbitros e diferentes momentos do jogo. A televisão contribuiu para transformar o desporto num espetáculo mediático, o que levou ao aumento das audiências e do interesse público.

Com a consolidação dos meios audiovisuais, o jornalismo desportivo deixou progressivamente de estar limitado ao relato dos acontecimentos competitivos. Surgiram novos formatos, como programas de análise, debates, entrevistas e espaços de comentário, o que transformou o jornalista desportivo não apenas num transmissor de informação, mas também num profissional responsável pela interpretação e contextualização dos acontecimentos.

Um momento importante nesta evolução foi o aparecimento dos canais temáticos dedicados ao desporto.

A criação de canais especializados permitiu uma cobertura mais contínua e aprofundada das diferentes modalidades. Em Portugal, a Sport TV tornou-se uma referência enquanto canal dedicado essencialmente ao universo desportivo, através da transmissão de competições, programas de análise e conteúdos especializados.

Mais recentemente, surgiram projetos com objetivos diferentes dentro da cobertura desportiva nacional. O Canal 11, criado pela Federação Portuguesa de Futebol, trouxe uma abordagem mais diversificada e próxima da formação, do futebol feminino e de outras áreas do desporto, e procurou ampliar a representação das diferentes vertentes desportivas. Esta aposta contribuiu para uma cobertura mais abrangente e para uma maior valorização de modalidades e de protagonistas que tradicionalmente recebiam menor atenção dos media (Federação Portuguesa de Futebol, 2023).

Paralelamente, os grandes clubes portugueses desenvolveram também os seus próprios meios de comunicação, e criaram canais e plataformas direcionadas para os seus adeptos. A FC Porto TV (associada ao Porto Canal), a Benfica TV e a Sporting TV são exemplos de espaços que combinam a comunicação institucional com produção de conteúdos informativos e jornalísticos. Estes meios alteraram a relação entre clubes, jornalistas e públicos, e permitiram que as organizações desportivas comunicassem diretamente com os seus adeptos e controlassem parte da narrativa sobre si próprias.

Esta evolução também esteve ligada à crescente profissionalização do setor. As redações passaram a integrar diferentes funções especializadas, como repórteres de campo, editores, comentadores, apresentadores e analistas. Esta especialização resultou do desenvolvimento e complexidade do desporto enquanto fenómeno mediático e das exigências de um público que procura cada vez mais conteúdos aprofundados, técnicos e diversificados.

A chegada da internet e das plataformas digitais provocou uma nova transformação nas práticas jornalísticas. A informação passou a circular de forma imediata e em diferentes formatos, alterando os ritmos de produção e consumo. Atualmente, os jornalistas desportivos trabalham num ambiente marcado pela atualização constante, pela presença nas redes sociais e pela necessidade de adaptar conteúdos para as diferentes plataformas (Carvalho, 2022).

As redes sociais tornaram-se ferramentas essenciais na atividade jornalística, uma vez que permitem acompanhar declarações de atletas, clubes e instituições, divulgar informação rapidamente e criar

novas formas de interação com o público. Plataformas digitais como o YouTube, TikTok e outras redes possibilitaram o surgimento de novos formatos, como vídeos curtos, programas independentes, conteúdos de análise e transmissões próprias.

Também os podcasts e os serviços de streaming contribuíram para expandir o espaço do jornalismo desportivo para além dos meios tradicionais. Estes formatos permitem abordagens mais aprofundadas, conversas prolongadas e novas formas de acompanhar o universo desportivo, demonstrando que o consumo de informação deixou de depender exclusivamente da televisão, rádio ou imprensa.

O percurso do jornalismo desportivo em Portugal demonstra uma constante adaptação às mudanças tecnológicas, às novas formas de consumo mediático e à transformação do próprio desporto. Atualmente, esta área funciona através de uma combinação entre meios tradicionais e digitais, assumindo um papel central na forma como o público acompanha, interpreta e atribui significado aos acontecimentos desportivos.

2.2. A Imprensa Desportiva Portuguesa

A imprensa desportiva portuguesa ocupa um lugar de destaque no panorama mediático nacional, assumindo-se como uma das principais fontes de informação especializadas sobre o universo do desporto. Ao longo da sua evolução, os jornais desportivos contribuíram para a divulgação de competições, de atletas, de clubes e de modalidades, e desempenharam um papel fundamental na consolidação do desporto enquanto conteúdo mediático de grande relevância junto do público português (Pinheiro, 2010).

O desenvolvimento da imprensa desportiva acompanhou o crescimento do interesse social pelo desporto e, particularmente, pelo futebol. À medida que as competições passaram a mobilizar um número crescente de adeptos, aumentou também a procura por informação especializada que fosse capaz de oferecer não apenas resultados, mas igualmente análises, entrevistas, reportagens e conteúdos de opinião. Desta forma, os jornais desportivos afirmaram-se como espaços de mediação entre os acontecimentos desportivos e os seus públicos.

Atualmente, a imprensa desportiva portuguesa continua a ser dominada por três títulos diários de referência: *A Bola*, *Record* e *O Jogo*. Estes jornais ocupam uma posição central na cobertura desportiva nacional e desempenham funções que ultrapassam a simples transmissão de resultados,

participam ativamente na seleção dos temas considerados mais relevantes, na valorização de determinadas modalidades e na construção da agenda mediática desportiva. A sua relevância é evidente pela forte presença no mercado editorial português e pela capacidade de mobilizar audiências em torno dos acontecimentos desportivos (Silva, 2021).

Uma das características mais marcantes da imprensa desportiva portuguesa é a predominância do futebol. Diversos estudos demonstram que esta modalidade ocupa a maior parte do espaço editorial dos jornais especializados, sendo também os clubes FC Porto, SL Benfica e Sporting CP os principais protagonistas da cobertura mediática. Esta realidade reflete a importância cultural e social do futebol em Portugal, mas também contribui para reforçar a sua posição dominante no panorama desportivo nacional (Silva, 2021).

Apesar desta centralidade, existem diferenças editoriais entre os principais jornais desportivos portugueses. Algumas publicações privilegiam abordagens mais extensas e aprofundadas, enquanto que outras apostam numa apresentação mais sintética e dinâmica dos conteúdos. Estas diferenças permitem responder a perfis distintos de leitores e demonstram a diversidade existente dentro da própria imprensa desportiva especializada.

A hierarquização das modalidades constitui outro aspeto relevante da imprensa desportiva portuguesa. Embora as modalidades como o andebol, o basquetebol, o atletismo ou o hóquei em patins tenham presença regular nos jornais, a sua visibilidade permanece significativamente inferior à do futebol. Esta diferença torna-se ainda mais evidente quando se observa a cobertura do desporto feminino, que apesar de ter vindo a captar cada vez mais espectadores, continua a receber menos atenção mediática do que as competições masculinas. Desta forma, a imprensa desportiva não apenas reflete as preferências dos públicos, mas participa também na construção das prioridades e referências do panorama desportivo nacional.

Para além da sua função informativa, esta caracteriza-se pela forte proximidade com os seus leitores. O consumo de informação desportiva está frequentemente associado a sentimentos de pertença, identidade e rivalidade clubística, o que faz com que os jornais combinem informação factual com análise, comentários e interpretações. Esta ligação emocional contribui para ser possível explicar a importância que o jornalismo desportivo continua a assumir na sociedade portuguesa.

Nos últimos anos, a imprensa desportiva enfrentou igualmente os desafios associados à digitalização dos media e à transformação dos hábitos de consumo de informação. A adaptação aos

ambientes digitais levou os jornais a reforçar a presença online, diversificando formatos e estratégias de distribuição. Apesar destas mudanças, continuam a desempenhar um papel central na produção e interpretação da atualidade desportiva, mantendo-se como referências no panorama mediático português (Carvalho, 2022).

2.3. O papel dos principais jornais desportivos na construção da agenda mediática

Os meios de comunicação social desempenham um papel fundamental na definição dos temas que recebem maior atenção pública. No contexto desportivo, os jornais especializados assumem uma função particularmente relevante, uma vez que não se limitam a transmitir informação sobre acontecimentos e competições, mas participam ativamente na seleção, valorização e hierarquização dos assuntos que integram a atualidade desportiva (McCombs, 2004).

Através das escolhas editoriais realizadas diariamente, os jornais desportivos contribuem para a construção da agenda mediática. A seleção das notícias de capa, o destaque atribuído a determinados clubes, atletas ou modalidades e o espaço concedido a cada tema, são tudo coisas que influenciam a perceção dos leitores sobre aquilo que é considerado mais relevante no panorama desportivo nacional.

Em Portugal, os jornais *A Bola*, *Record* e *O Jogo* ocupam uma posição privilegiada neste processo. Pela sua dimensão, alcance e reconhecimento junto do público, estes títulos exercem uma influência significativa na definição dos temas que dominam o debate desportivo. Muitas das notícias publicadas nestes jornais acabam por ser reproduzidas, comentadas ou aprofundadas por outros meios de comunicação, incluindo televisões, rádios, plataformas digitais e até nas redes sociais (Silva, 2021).

A construção da agenda mediática não depende apenas da relevância objetiva dos acontecimentos, mas também dos critérios editoriais adotados pelas redações. Alguns fatores como a notoriedade dos clubes, o impacto esperado junto dos adeptos, a dimensão económica das competições ou o potencial de gerar interesse público contribuem para determinar o destaque atribuído a cada tema. Desta forma, determinadas notícias ganham maior visibilidade, enquanto que outras permanecem em segundo plano.

Um exemplo evidente desta dinâmica é a cobertura dedicada aos três principais clubes portugueses (FC Porto, SL Benfica e Sporting CP). Independentemente da fase da época desportiva, estes clubes

ocupam frequentemente as manchetes e os principais espaços informativos, devido à sua relevância histórica, ao número de adeptos e à capacidade de mobilizar audiências. Como consequência, acontecimentos relacionados com outras equipas ou modalidades tendem a receber menor atenção mediática (Silva, 2021).

A influência dos jornais desportivos estende-se também à forma como os acontecimentos são enquadrados. A escolha dos títulos, das imagens, das declarações destacadas e dos temas de análise, tudo contribui para a orientação e interpretação dos leitores. Os jornais não apenas informam sobre o que aconteceu, mas ajudam igualmente a definir quais os aspetos considerados mais importantes em cada acontecimento.

Com a digitalização dos meios de comunicação, esta influência tornou-se ainda mais abrangente. Atualmente, as notícias publicadas nos jornais desportivos circulam rapidamente através de websites, aplicações móveis e redes sociais, e alcançam públicos cada vez mais vastos e participam de forma imediata no debate público. A agenda mediática deixou de ser construída apenas através da edição impressa e passou a desenvolver-se continuamente ao longo do dia, acompanhando o ritmo acelerado da informação digital (Canavilhas, 2015).

Deste modo, os principais jornais desportivos portugueses desempenham um papel determinante na organização da informação desportiva nacional. Ao selecionar, hierarquizar e enquadrar os acontecimentos, contribuem para definir os temas que dominam o espaço público e influenciam a forma como os adeptos interpretam a realidade desportiva.

2.4. O jornalismo desportivo e a centralidade do futebol na cobertura mediática

O futebol ocupa uma posição dominante no panorama mediático português, assumindo-se como a modalidade que recebe maior atenção por parte dos meios de comunicação social. Esta centralidade reflete-se de forma particularmente evidente no jornalismo desportivo, onde a maioria das notícias, reportagens, debates e conteúdos de análise está relacionada com o futebol e com os seus principais protagonistas.

A predominância do futebol resulta de uma combinação de fatores históricos, culturais, económicos e mediáticos. Ao longo do século XX, a modalidade consolidou-se como o desporto mais popular em Portugal, tendo conquistado um elevado número de adeptos e se tornado um elemento

importante da identidade coletiva. O sucesso nacional e internacional de clubes como os “três grandes”, bem como as conquistas da Seleção Nacional, contribuíram para reforçar o interesse do público e aumentar a visibilidade mediática do futebol (Coelho, 2003).

A forte procura por conteúdos relacionados com esta modalidade influencia diretamente as decisões editoriais dos meios de comunicação. Jornais, canais de televisão, programas de rádio e plataformas digitais tendem a dedicar mais espaço ao futebol uma vez que é o conteúdo que gera maiores audiências, mais interações e um maior interesse comercial. Assim, a cobertura mediática não é apenas uma consequência da popularidade do futebol, mas também um fator que contribui para a sua contínua valorização.

Nos jornais desportivos portugueses, esta realidade torna-se particularmente evidente. As manchetes são frequentemente dedicadas aos principais clubes de futebol, às transferências de jogadores, aos resultados das competições e às declarações de treinadores e dirigentes. Mesmo em períodos sem competições relevantes, o futebol continua a ocupar grande parte da agenda noticiosa através dos rumores de mercado, das análises táticas, de questões institucionais ou debates de opinião (Silva, 2021).

Esta centralidade tem consequências na visibilidade atribuída às restantes modalidades. Desportos como o atletismo, o andebol, o basquetebol, o voleibol, o hóquei em patins ou a natação recebem geralmente uma cobertura mais reduzida, apesar dos resultados alcançados por atletas e equipas portuguesas. A diferença torna-se ainda mais evidente quando se observa o espaço dedicado ao desporto feminino, mesmo que a modalidade seja o futebol feminino, que continua a ter uma representação mediática inferior à do desporto masculino.

A lógica económica dos meios de comunicação constitui um dos principais fatores que ajudam a explicar esta situação. O futebol possui uma enorme capacidade de gerar receitas através da publicidade, dos direitos de transmissão e do consumo de conteúdos pelos adeptos. Consequentemente, os órgãos de comunicação tendem a investir mais recursos na cobertura da modalidade, dado que reforça o seu lugar privilegiado dentro da agenda mediática (Boyle & Haynes, 2009).

Por outro lado, a crescente profissionalização do futebol contribuiu para intensificar a produção de conteúdos jornalísticos. Clubes, federações, ligas e agentes desportivos geram diariamente informação capaz de alimentar o ciclo noticioso, desde conferências de imprensa e entrevistas até

anúncios institucionais e conteúdos produzidos pelos próprios departamentos de comunicação. Esta abundância de informação facilita a presença constante do futebol nos meios de comunicação.

As redes sociais, os websites especializados e os canais de comunicação dos clubes permitem uma circulação permanente de conteúdos relacionados com o futebol, o que aumenta a sua presença no espaço público. O ciclo informativo tornou-se contínuo e os acontecimentos desportivos passaram a ser acompanhados em tempo real, o que fez com que a visibilidade da modalidade fosse ampliada.

Apesar da sua posição dominante, a centralidade do futebol tem sido objeto de debate entre investigadores e profissionais da comunicação. Alguns autores defendem a necessidade de promover uma cobertura mais diversificada, capaz de valorizar outras modalidades e de proporcionar uma representação mais equilibrada do panorama desportivo nacional. Esta discussão ganha particular relevância num contexto em que o desporto português tem registado sucessos significativos em áreas para além do futebol (Rowe, 2004).

O futebol, continua então a assumir um papel central no jornalismo desportivo português, influenciando as prioridades editoriais, os hábitos de consumo dos media e a própria construção da agenda desportiva.

2.5. O O Jogo, a Bola e Record no panorama da imprensa desportiva portuguesa

Tal como já foi referido, a imprensa desportiva portuguesa é atualmente marcada pela presença de três jornais de referência: *A Bola*, *Record* e *O Jogo*. Embora partilhem um objetivo comum, de informar sobre a atualidade desportiva nacional e internacional, cada um destes títulos desenvolveu características próprias ao longo da sua história, e conquistaram diferentes públicos e assumiram ambos um papel relevante na construção do panorama mediático desportivo português.

Entre os três jornais, *A Bola* é o título mais antigo. Fundado em 1945 por Cândido de Oliveira e Ribeiro dos Reis, tornou-se uma das principais referências da imprensa desportiva nacional. Ao longo das décadas, destacou-se pela profundidade das suas reportagens, pela valorização da análise e pela forte cobertura do futebol português e internacional. A sua relevância ultrapassou frequentemente o universo desportivo, tornando-se um dos jornais mais influentes da comunicação social portuguesa (Pinheiro, 2010).

O *Record*, fundado em 1949, consolidou-se como um dos principais concorrentes de *A Bola*. Caracteriza-se por uma abordagem mais dinâmica e orientada para a atualidade imediata, e

privilegia notícias de rápida leitura, exclusivas, mercado de transferências e o acompanhamento permanente dos acontecimentos desportivos. Esta aposta permitiu ao jornal conquistar uma posição de destaque junto dos leitores e adaptar-se com relativa facilidade às exigências do ambiente digital (Silva, 2021).

Por sua vez, *O Jogo*, criado em 1985 na cidade do Porto, surgiu inicialmente com uma forte ligação ao norte do país, embora tenha rapidamente alcançado uma projeção a nível nacional. Ao longo do tempo, destacou-se pela diversidade temática da sua cobertura, dedicando espaço não apenas ao futebol, mas também a outras modalidades desportivas. Esta característica contribuiu para a construção de uma identidade editorial própria dentro da imprensa desportiva portuguesa (Silva, 2021).

Apesar das diferenças editoriais, os três jornais apresentam elementos comuns. O futebol ocupa o centro das respetivas agendas noticiosas, refletindo a importância que a modalidade assume na sociedade portuguesa. Os principais clubes nacionais surgem regularmente como protagonistas das manchetes, acompanhados por notícias relacionadas com competições nacionais e internacionais, mercado de transferências, treinadores e jogadores.

Para além da cobertura informativa, estes jornais desempenham um papel relevante na interpretação dos acontecimentos desportivos. Através de entrevistas, reportagens, artigos de opinião e análises especializadas, contribuem para contextualizar os acontecimentos e influenciar o debate público ao redor do desporto. Muitos dos temas abordados acabam por ser retomadas por outros meios de comunicação.

Nas últimas décadas, *A Bola*, *Record* e *O Jogo* enfrentaram desafios significativos associados à transformação digital dos media. A diminuição das vendas em papel e a crescente procura por informação imediata obrigaram os jornais a reforçar a sua presença online. Atualmente, os três títulos possuem plataformas digitais atualizadas permanentemente, aplicações móveis e uma forte atividade nas redes sociais, e procuram assim responder às novas formas de consumo de informação (Canavilhas, 2015; Carvalho, 2022).

Esta adaptação permitiu que continuassem a desempenhar um papel central no jornalismo desportivo português, mesmo num contexto de crescente concorrência por parte de canais televisivos, plataformas digitais, podcasts e conteúdos produzidos diretamente pelos clubes. Apesar das mudanças tecnológicas, os três jornais mantêm-se como referências fundamentais na cobertura e interpretação da atualidade desportiva nacional.

A Bola, *Record* e *O Jogo* continuam a representar os principais pilares da imprensa desportiva portuguesa. A sua história, influência e capacidade de adaptação às transformações do setor explicam a posição de destaque que continuam a ocupar no panorama mediático nacional.

2.6. Transformações recentes: digitalização e novos consumos mediáticos

As últimas décadas ficaram marcadas por profundas transformações no setor dos media, impulsionadas pelo desenvolvimento das tecnologias digitais e pela expansão da internet. Estas mudanças alteraram significativamente a forma como a informação é produzida, distribuída e consumida, afetando também o jornalismo desportivo. A digitalização trouxe novas oportunidades para os profissionais de comunicação, mas também novos desafios relacionados com a velocidade da informação, a concorrência entre as plataformas e a adaptação aos hábitos das audiências (Canavilhas, 2015).

Durante grande parte do século XX, o consumo de informação desportiva dependia essencialmente da imprensa escrita, da rádio e da televisão. A atualidade desportiva era acompanhada em horários específicos e através de meios relativamente limitados. Com a popularização da internet, esta lógica foi profundamente alterada, permitindo o acesso permanente à informação e a atualização contínua dos acontecimentos.

Os websites dos jornais, canais televisivos e rádios passaram a disponibilizar os conteúdos em tempo real, o que causou uma redução na dependência das edições impressas e dos horários de emissão tradicionais. O público deixou de esperar pela publicação do jornal do dia seguinte para conhecer os resultados ou as principais notícias, passou a acompanhar os acontecimentos à medida que estes vão decorrendo. Esta transformação aumentou a rapidez do ciclo noticioso e alterou as rotinas de trabalho dos jornalistas, que passaram a operar num ambiente de atualização constante (Canavilhas, 2015).

As redes sociais assumiram um papel central neste novo ecossistema mediático. Plataformas como Facebook, Instagram, X (antigo Twitter), TikTok e YouTube tornaram-se espaços fundamentais para a divulgação e para a circulação de conteúdos desportivos. Os órgãos de comunicação social utilizam estas plataformas para distribuir notícias, promover conteúdos e interagir com os públicos, enquanto que clubes, atletas e organizações desportivas passaram a comunicar diretamente com os seus seguidores, o que causou uma redução na dependência da mediação jornalística tradicional.

Esta realidade alterou significativamente a relação entre jornalistas, fontes e audiências. Atualmente, muitas informações são divulgadas diretamente pelos clubes ou pelos próprios atletas através das redes sociais, obrigando os jornalistas a assumir um papel cada vez mais centrado na verificação, contextualização e interpretação dos acontecimentos. A rapidez da circulação da informação tornou-se uma vantagem, mas também aumentou os riscos associados à disseminação de rumores, especulações e de informações incorretas.

A digitalização contribuiu igualmente para o aparecimento de novos formatos de conteúdo. Os podcasts desportivos registaram um crescimento significativo nos últimos anos, e permitiram abordagens mais aprofundadas e conversas menos condicionadas pelos limites temporais dos meios tradicionais. Paralelamente, os vídeos digitais, as transmissões em direto através de plataformas online e os conteúdos produzidos especificamente para redes sociais passaram a integrar a oferta informativa dos meios de comunicação.

Os hábitos de consumo das audiências também sofreram alterações profundas. As gerações mais jovens tendem a privilegiar conteúdos rápidos, acessíveis através de dispositivos móveis e adaptados às redes sociais. Por consequência, os meios de comunicação foram obrigados a diversificar formatos e a apostar em vídeos curtos, infografias, conteúdos multimédia e estratégias que permitam captar a atenção dos utilizadores num ambiente que se revela cada vez mais competitivo.

No jornalismo desportivo, estas mudanças tiveram um impacto particularmente significativo devido à forte procura por informação imediata. O acompanhamento em direto de jogos, conferências de imprensa, transferências de jogadores e outros acontecimentos desportivos tornou-se uma exigência constante por parte do público. Esta pressão pela rapidez transformou as redações e obrigou os profissionais da área a desenvolverem competências relacionadas com a produção multimédia e a gestão de diferentes plataformas digitais.

Apesar dos desafios colocados pela digitalização, esta transformação permitiu uma ampliação do alcance do jornalismo desportivo e diversificar as formas de acesso à informação. Atualmente, os conteúdos desportivos circulam através de múltiplos canais e formatos, proporcionando aos públicos uma experiência mais interativa, personalizada e imediata.

Capítulo 3 — Mulheres no Jornalismo Desportivo: Experiências, Barreiras e Transformações

3.1. Trajetória da presença feminina no jornalismo desportivo em Portugal

A presença feminina no jornalismo desportivo em Portugal resulta de um percurso marcado por desafios, resistência e de transformação gradual. Durante grande parte do século XX, tanto o desporto como a sua cobertura mediática foram entendidos como espaços predominantemente masculinos, o que limitou significativamente a participação das mulheres neste setor. A entrada feminina no jornalismo desportivo não aconteceu de forma espontânea, mas sim através de um processo lento de conquista profissional num contexto que foi historicamente marcado por desigualdades de género.

A presença das mulheres no jornalismo português em geral foi historicamente tardia. Durante décadas, as redações eram espaços quase exclusivamente masculinos, não apenas devido às dificuldades de acesso à profissão, mas também por força de uma cultura institucional que associava a autoridade, a objetividade e o domínio do espaço público aos homens. Esta exclusão tornava-se ainda mais evidente no jornalismo desportivo, onde a ligação entre masculinidade, o desporto e o prestígio profissional estavam profundamente enraizados.

A associação do desporto a valores tradicionalmente ligados à masculinidade, como a competição, a força física e a rivalidade, contribuiu para que as mulheres permanecessem durante décadas afastadas não apenas da prática desportiva de alto nível, mas também da produção de informação sobre o desporto.

Os primeiros sinais de presença feminina no jornalismo desportivo português começaram a surgir na década de 1950. Em 1956, Maria João Duarte destacou-se como cronista no jornal *Mundo Desportivo*, tornando-se assim uma das primeiras mulheres a escrever regularmente sobre desporto em Portugal. A sua participação era frequentemente encarada como uma exceção dentro do setor, que demonstrava as dificuldades enfrentadas pelas mulheres que procuravam afirmar-se profissionalmente nesta área.

Durante as décadas seguintes, outras profissionais contribuíram para abrir caminho às gerações futuras. Entre elas destaca-se Leonor Pinhão, que integrou a redação do jornal *A Bola*, um dos títulos mais influentes da imprensa desportiva portuguesa. A sua presença numa redação desportiva representou uma forma de resistência à estrutura profissional tradicionalmente masculina. Anos mais tarde, a própria jornalista reconheceria que a permanência das mulheres neste setor dependia

frequentemente da necessidade de demonstrar constantemente a sua competência profissional (Pinhão, 2023).

A televisão e a cobertura de grandes eventos internacionais começaram também gradualmente a contar com a participação feminina. Um marco importante ocorreu em 1968, quando Edite Castro Soeiro se tornou a primeira mulher portuguesa a realizar a cobertura jornalística dos Jogos Olímpicos, no México. A sua presença num dos maiores acontecimentos desportivos mundiais representou uma importante rutura simbólica num contexto em que a participação feminina em missões jornalísticas internacionais era ainda extremamente reduzida (Ventura, 2012).

As primeiras mulheres que procuraram construir uma carreira no jornalismo desportivo enfrentavam frequentemente dificuldades de integração e reconhecimento. Em muitos casos, eram vistas como exceções dentro das redações e tinham de demonstrar continuamente a sua competência para conquistar a mesma legitimidade atribuída aos colegas homens. A sua participação era muitas vezes direcionada para funções consideradas mais adequadas à presença feminina, como apresentação de programas ou à cobertura de determinadas modalidades, enquanto que as áreas associadas à análise técnica, aos comentários especializado ou às reportagens de futebol continuavam maioritariamente reservadas aos homens.

A partir das décadas de 1980 e 1990, a expansão do ensino superior na área da Comunicação e do Jornalismo, associada ao crescimento dos meios de comunicação social, favoreceu uma entrada mais regular de mulheres nas redações desportivas. Jornalistas como Natália Oliveira, considerada a primeira jornalista de desporto da RTP e a primeira pivô feminina de programas desportivos da televisão portuguesa, bem como Cecília Carmo e Edite Esteves, contribuíram para o aumento da visibilidade feminina no setor.

Em Portugal, este processo foi particularmente influenciado pela importância que o futebol assumiu na comunicação social. A forte centralidade da modalidade na agenda mediática contribuiu para a consolidação de ambientes profissionais tradicionalmente masculinos, o que dificultava a afirmação das mulheres num dos setores mais visíveis do jornalismo desportivo. Durante vários anos, a presença feminina permaneceu reduzida, não apenas em número, mas também em posições de maior visibilidade e de influência editorial.

Apesar destas dificuldades, as últimas décadas ficaram marcadas por uma evolução significativa. O aumento da participação feminina nos cursos de Comunicação e de Jornalismo, aliado às transformações sociais e às mudanças verificadas no setor dos media, permitiu uma presença

crescente de mulheres nas redações desportivas portuguesas. Progressivamente, começaram a surgir jornalistas a desempenhar funções de reportagem, coordenação editorial, apresentação e análise, ocupando espaços anteriormente pouco acessíveis.

O século XXI trouxe novas oportunidades através do aparecimento de canais especializados, como a Sport TV, o Canal 11 e os canais dos principais clubes portugueses. O alargamento da cobertura desportiva criou novos espaços profissionais para as mulheres, embora a sua integração continuasse a enfrentar obstáculos relacionados com a credibilidade, a progressão na carreira e o reconhecimento profissional.

Neste período, várias jornalistas conquistaram maior visibilidade no panorama mediático nacional. Cláudia Lopes tornou-se uma das figuras mais reconhecidas da informação desportiva televisiva, primeiro na RTP e posteriormente na TVI24 e na Sport TV. A própria jornalista denunciou publicamente a existência de desigualdades salariais relativamente a colegas homens que desempenhavam funções semelhantes (Máxima, 2023). Também Sara Freitas, destacou-se através do trabalho desenvolvido no Porto Canal e posteriormente no Canal 11, assumindo funções que combinam reportagem, apresentação e participação em programas de debate desportivo.

Outro exemplo particularmente relevante é o de Rita Latas, que se tornou a primeira mulher a narrar um jogo da Primeira Liga portuguesa, o que acabou por causar uma quebra de uma barreira histórica num espaço que durante décadas permaneceu reservado quase exclusivamente a profissionais masculinos. Este marco simbolizou não apenas uma conquista individual, mas também uma mudança gradual na forma como as mulheres foram percecionadas dentro do jornalismo desportivo português.

O reconhecimento institucional deste percurso também se tornou mais visível nos últimos anos. Em 2020, o Comité Olímpico de Portugal homenageou onze mulheres jornalistas pela sua contribuição para o jornalismo desportivo nacional, num gesto que procurou valorizar o papel desempenhado pelas pioneiras e pelas profissionais que ajudaram a transformar o setor (Comité Olímpico de Portugal, 2020).

Apesar disto, esta evolução não significou o desaparecimento das desigualdades. Em muitos contextos, as jornalistas continuaram a enfrentar desafios relacionados com a credibilidade profissional, a exposição pública e a necessidade de validação constante do seu conhecimento sobre desporto. A sua presença tornou-se mais visível, mas continuou a desenvolver-se num espaço

profissional onde persistem práticas, expectativas e formas de reconhecimento construídas historicamente a partir de uma lógica masculina.

Importa ainda reconhecer que o jornalismo desportivo continua a ser uma área onde a presença feminina, embora cada vez mais significativa, permanece insuficientemente documentada do ponto de vista académico. A escassez de estudos especificamente dedicados às mulheres neste setor contribui para uma invisibilidade estatística que acompanha a invisibilidade simbólica que marcou a experiência de muitas profissionais ao longo das últimas décadas.

Ainda assim, a realidade atual revela uma transformação importante quando comparada com períodos anteriores. A presença de mulheres em redações, programas televisivos, transmissões, comentários especializados e plataformas digitais tornou-se progressivamente mais frequente, refletindo as mudanças estruturais na profissão. Embora a igualdade esteja longe de ser alcançada, o percurso realizado demonstra uma evolução significativa na integração feminina no jornalismo desportivo português e evidencia a capacidade das profissionais para conquistarem espaço num contexto historicamente marcado pela exclusão e pela desigualdade.

3.2. Barreiras encontradas: credibilidade, aparência, funções limitadas

Apesar dos progressos registados nas últimas décadas e do aumento da presença feminina no jornalismo desportivo português, as mulheres continuam a enfrentar diversos obstáculos na prática da profissão. Estas barreiras manifestam-se tanto ao nível das oportunidades profissionais como através de mecanismos mais subtils relacionados com a credibilidade, a aparência física e a distribuição das funções dentro das redações e dos meios de comunicação.

Um dos desafios mais frequentemente referidos pelas jornalistas desportivas está relacionado com a necessidade constante de provar conhecimento e competência. Enquanto os homens tendem a beneficiar de uma presunção automática de legitimidade para falar sobre desporto, sobretudo de futebol, as mulheres são frequentemente sujeitas a um escrutínio mais intenso relativamente ao seu domínio dos temas abordados. Esta realidade faz com que muitas profissionais sintam a necessidade de demonstrar continuamente a sua preparação técnica e capacidade profissional, mesmo quando possuem experiência e qualificações equivalentes às dos seus colegas masculinos.

A questão da credibilidade assume uma particular relevância em áreas como a análise tática, o comentário especializado e a cobertura de futebol profissional. Como consequência, as opiniões e

análises produzidas por mulheres são, por vezes, alvo de maior contestação pública, não pela sua qualidade, mas pelo simples facto de serem emitidas por profissionais do sexo feminino.

Paralelamente, persistem formas de discriminação mais subtis e difíceis de identificar, frequentemente designadas como micro-desigualdades. Estas manifestam-se através de comportamentos quotidianos como interrupções constantes, desvalorização de intervenções, comentários inadequados, tratamento diferenciado ou observações relacionadas com a aparência física. Embora muitas vezes não assumam um carácter explícito, estas situações contribuem para criar ambientes profissionais menos inclusivos e reforçam mecanismos simbólicos de exclusão.

A jornalista Andreia Araújo relatou, em diversas intervenções públicas, que em muitas conferências de imprensa continuava a ser uma das poucas mulheres presentes na sala. A profissional destacou igualmente a persistência de painéis de comentário compostos exclusivamente por homens, mesmo existindo mulheres com experiência e competência para ocupar esses espaços. Esta ausência contribui para reforçar a ideia de que a análise técnica continua a ser vista como um território predominantemente masculino.

Outro caso frequentemente referido é o de Sofia Oliveira, comentadora desportiva e analista de futebol. Apesar do reconhecimento do seu trabalho, foi alvo de insultos e ataques de carácter sexista nas redes sociais, dirigidos não ao conteúdo das suas análises, mas ao facto de ser uma mulher a ocupar um espaço tradicionalmente associado aos homens. A situação tornou-se particularmente visível quando o treinador do Leixões, José Augusto Faria, afirmou publicamente que "as Sofias desta vida têm de aprender muito para andar no futebol, porque o futebol tem de ser dos homens do futebol", declaração amplamente criticada por profissionais, adeptos e comentadores por representar uma visão discriminatória da participação feminina no setor.

As barreiras relacionadas com a aparência física constituem outro dos desafios frequentemente identificados pelas jornalistas desportivas. Enquanto os homens são geralmente avaliados com base no conteúdo do seu trabalho, as mulheres continuam a ser frequentemente alvo de comentários relacionados com a imagem, o vestuário, a voz ou a postura em frente às câmaras. Esta realidade faz com que critérios externos à competência profissional assumam um peso desproporcionado na avaliação pública do seu desempenho.

Um exemplo desta situação pode ser observado no percurso de Rita Latas. Depois de se tornar a primeira mulher a narrar um jogo da Primeira Liga portuguesa, uma conquista histórica para o jornalismo desportivo nacional, muitas das reações nas redes sociais concentraram-se em aspetos

como o timbre da sua voz ou a sua presença, em vez de avaliarem a qualidade da narração ou o significado profissional do momento. Este tipo de resposta demonstra como a presença feminina continua a ser observada através de critérios diferentes daqueles aplicados aos homens.

A própria Rita Latas esteve também envolvida num episódio amplamente divulgado durante uma entrevista rápida (*flash interview*) com Jorge Jesus, treinador do Benfica. Após uma observação da jornalista sobre a exibição da equipa, o treinador respondeu afirmando que ela não saberia avaliar a qualidade do futebol. A declaração gerou forte polémica e foi interpretada por muitos profissionais e observadores como uma tentativa de descredibilização baseada em pressupostos de género. Em comunicado oficial, a Associação dos Jornalistas de Desporto (CNID) classificou o comportamento como "absolutamente inadequado e indigno", defendendo o respeito pelo trabalho desenvolvido pela jornalista (Bancada, 2020).

Para além das questões relacionadas com a credibilidade e a aparência, as mulheres continuam a enfrentar limitações na distribuição de funções dentro do jornalismo desportivo.

As redes sociais vieram igualmente ampliar algumas destas dificuldades. Se por um lado oferecem novas oportunidades de visibilidade e contacto com o público, por outro expõem as jornalistas a níveis elevados de escrutínio, assédio e violência verbal. Diversos estudos internacionais têm demonstrado que as mulheres jornalistas são alvo de ataques pessoais e comentários discriminatórios com maior frequência do que os homens, realidade que também se verifica no contexto desportivo.

Estas barreiras não devem ser entendidas como episódios isolados, mas como manifestações de desigualdades estruturais que continuam presentes no setor. Mesmo quando não assumem formas explícitas de discriminação, contribuem para criar condições profissionais mais exigentes para as mulheres e reforçam a necessidade de validação constante da sua competência.

Deste modo, apesar dos avanços registados na integração feminina no jornalismo desportivo português, continuam a existir obstáculos relacionados com a credibilidade profissional, a valorização da aparência física e o acesso a determinadas funções. A superação destas barreiras exige não apenas uma maior presença de mulheres no setor, mas também uma transformação cultural das redações, das organizações desportivas e do próprio público, promovendo então uma avaliação baseada na competência e não no género dos profissionais.

3.3. O Papel dos clubes, canais e redações nas práticas de inclusão

O jornalismo desportivo português tem sido tradicionalmente um espaço dominado por homens, tanto em termos de representação numérica como de acesso a posições de maior visibilidade e influência. No entanto, nas últimas décadas, a crescente presença feminina e a implementação de práticas mais inclusivas por parte de diferentes instituições têm contribuído para uma transformação gradual do setor. Neste contexto, clubes, canais de televisão e redações desempenham um papel fundamental na promoção da igualdade de oportunidades e na valorização da diversidade de género.

Os principais clubes portugueses assumem uma posição relevante neste processo. Para além do seu protagonismo enquanto agentes centrais do fenómeno desportivo, FC Porto, Benfica e Sporting possuem estruturas próprias de comunicação e meios de difusão que lhes permitem produzir conteúdos e influenciar diretamente a forma como o desporto é apresentado ao público. Através da FC Porto TV, integrada no Porto Canal, da Benfica TV e da Sporting TV, estas organizações têm vindo a integrar profissionais femininas em diferentes funções ligadas à comunicação, à apresentação e à produção de conteúdos, contribuindo para desafiar a tradicional masculinização do setor.

A criação da Sport TV representou um marco na especialização da cobertura desportiva em Portugal, enquanto o Canal 11 introduziu uma abordagem mais diversificada e inclusiva, valorizando modalidades menos mediatizadas, o futebol feminino e a formação desportiva. Segundo a Federação Portuguesa de Futebol (2023), o Canal 11 procura promover uma cobertura mais abrangente e representativa do universo desportivo, contribuindo igualmente para aumentar a visibilidade de profissionais femininas em funções de apresentação, reportagem e análise.

A presença de mulheres em espaços de comentário e análise técnica constitui um dos sinais mais visíveis desta transformação. Durante muitos anos, estas áreas permaneceram praticamente reservadas aos homens, devido à persistência da ideia de que o conhecimento especializado sobre desporto estaria associado ao género masculino. A inclusão progressiva de jornalistas e de comentadoras em programas de debate e análise contribui para questionar esse estereótipo e para ampliar a diversidade de perspetivas presentes no discurso mediático.

Nas redações jornalísticas tradicionais, o processo de inclusão tem sido mais gradual. Embora o número de mulheres jornalistas tenha aumentado significativamente, continuam a existir obstáculos relacionados com o acesso a cargos de chefia, coordenação editorial e funções de maior influência. A cultura organizacional de algumas redações permanece marcada por práticas e dinâmicas

historicamente masculinas, o que pode dificultar a plena integração das profissionais e a construção de percursos de carreira em condições de igualdade (North, 2016).

Ainda assim, são visíveis sinais de mudança. A crescente presença feminina em programas desportivos dos principais canais televisivos portugueses demonstra uma maior preocupação com a diversidade e a representatividade. Um exemplo frequentemente referido é o da RTP, que atingiu níveis de representação feminina próximos da paridade na sua programação, registando cerca de 49% de presença feminina nos seus conteúdos (Extra, 2023). Embora estes dados não incidam especificamente sobre o jornalismo desportivo, refletem uma tendência de valorização da igualdade de género dentro das organizações mediáticas.

O testemunho da jornalista Clara Osório ilustra simultaneamente os avanços alcançados e os desafios que persistem. A profissional refere que, em vários momentos da sua carreira, sentiu a necessidade de provar a sua competência em ambientes maioritariamente masculinos, enfrentando olhares de desconfiança pela simples razão de ser mulher. Segundo a jornalista, foi necessário conquistar gradualmente o reconhecimento de colegas e comentadores através da demonstração constante do seu conhecimento e profissionalismo (Extra, 2023).

Outro exemplo simbólico da importância das decisões institucionais na promoção da inclusão é o percurso de Rita Latas. Em dezembro de 2020, tornou-se a primeira mulher a narrar um jogo da Primeira Liga portuguesa, quebrando uma barreira histórica no jornalismo desportivo nacional. Para além do significado individual da conquista, este episódio demonstrou a relevância das opções editoriais tomadas pelas organizações de comunicação, que ao privilegiarem a competência acima dos estereótipos de género contribuem para a construção de um ambiente mais inclusivo.

Apesar dos progressos observados, a promoção da igualdade no jornalismo desportivo continua a depender do compromisso das instituições. Clubes, canais e redações possuem capacidade para influenciar práticas profissionais, criar oportunidades e promover modelos de referência que contribuam para reduzir desigualdades históricas. A construção de um setor mais inclusivo exige não apenas o aumento da presença feminina, mas também a valorização efetiva das suas competências e o acesso a todas as áreas de responsabilidade e decisão dentro das organizações mediáticas.

3.4. Barreiras estruturais e simbólicas no acesso e progressão na carreira

Apesar dos progressos verificados nas últimas décadas, a integração das mulheres no jornalismo desportivo português continua a enfrentar obstáculos que vão além das situações de discriminação direta. Muitas das desigualdades atuais manifestam-se através de mecanismos estruturais e simbólicos que influenciam o acesso a determinadas funções, a progressão profissional e o reconhecimento dentro das organizações mediáticas.

Uma das principais barreiras identificadas pela literatura é o chamado *teto de vidro*, conceito que descreve os obstáculos invisíveis que dificultam o acesso das mulheres a cargos de liderança e de tomadas de decisão, mesmo quando possuem qualificações e experiência semelhantes às dos seus colegas masculinos (North, 2016). No jornalismo desportivo, esta realidade torna-se particularmente evidente quando se observa a reduzida presença feminina em funções de direção editorial, coordenação de equipas ou chefia de redações.

Esta situação resulta, em parte, da própria história do jornalismo desportivo, que durante décadas se desenvolveu como um espaço predominantemente masculino. Como consequência, muitos dos modelos de liderança e das redes de contactos profissionais continuam a reproduzir estruturas já existentes, dificultando uma representação mais equilibrada nos cargos de topo.

A realidade observada em diversos meios de comunicação portugueses demonstram que a visibilidade das mulheres nem sempre corresponde à sua presença nos processos de decisão. É possível encontrar cada vez mais jornalistas mulheres no terreno, em transmissões ou na apresentação de programas, mas continua a ser menos frequente encontrá-las na definição das linhas editoriais ou na coordenação de equipas. Esta diferença evidencia que a igualdade de acesso à profissão não significa necessariamente igualdade de progressão na carreira.

Outro aspeto relevante prende-se com a reduzida representação feminina em funções tradicionalmente associadas à autoridade desportiva. Um exemplo disso é a narração de jogos, uma área que durante décadas foi quase exclusivamente masculina. A conquista deste espaço por profissionais como Rita Latas demonstra uma evolução importante, mas simultaneamente evidencia o carácter excecional que estas situações ainda assumem no contexto português. O facto de determinados marcos continuarem a ser apresentados como "primeiras vezes" revelam que algumas funções permanecem fortemente associadas ao género masculino.

Também a liderança no universo desportivo continua a refletir esta desigualdade. Nos clubes profissionais portugueses, a presença de mulheres em cargos de presidência ou direção continua a

ser reduzida, situação que se reflete igualmente nos espaços mediáticos. A menor visibilidade feminina nas estruturas de poder do desporto contribui para a manutenção da ideia de que as posições de autoridade pertencem preferencialmente aos homens, influenciando a forma como as jornalistas são percecionadas quando ocupam funções de destaque.

Para além dos obstáculos organizacionais, persistem barreiras simbólicas relacionadas com as expectativas sociais. As mulheres continuam frequentemente a serem sujeitas a uma maior pressão para demonstrar competência, conhecimento e legitimidade profissional. Enquanto a presença masculina no comentário ou na liderança tende a ser encarada como natural, as mulheres são frequentemente vistas como exceções, sendo muitas vezes avaliadas com maior rigor pelos públicos e pelos próprios agentes do setor.

A conciliação entre vida profissional e pessoal constitui igualmente um desafio importante. O jornalismo desportivo caracteriza-se por horários irregulares, deslocações constantes e trabalho em períodos tradicionalmente dedicados à vida familiar, como noites e fins de semana. Embora estas exigências afetem todos os profissionais, diversos estudos apontam que as responsabilidades familiares continuam a recair de forma mais significativa sobre as mulheres, podendo condicionar as oportunidades de progressão e de permanência em cargos de elevada responsabilidade.

Apesar destas limitações, têm surgido sinais positivos de mudança. A crescente presença feminina em redações, transmissões televisivas, canais especializados e plataformas digitais tem contribuído para a construção de novos modelos de referência. À medida que mais mulheres ocupam posições de destaque e liderança, aumentam também a possibilidade de transformar as culturas organizacionais e de promover ambientes profissionais mais inclusivos.

Desta forma, os desafios atuais do jornalismo desportivo já não se centram apenas no acesso das mulheres à profissão, mas sobretudo na garantia de condições efetivas de progressão, reconhecimento e liderança.

3.5. Perspetiva Pública sobre as Desigualdades

A análise da igualdade de género no jornalismo desportivo não pode limitar-se à realidade vivida pelas profissionais do setor. A forma como o público perceciona a presença das mulheres nos media desportivos constitui igualmente um elemento importante para compreender os desafios e as transformações que têm marcado esta área. As opiniões dos espectadores, leitores e consumidores

de informação influenciam diretamente os níveis de aceitação, reconhecimento e credibilidade atribuídos às jornalistas desportivas.

Ao longo dos últimos anos, a crescente visibilidade das mulheres nos meios de comunicação contribuiu para uma maior familiaridade do público com a sua presença em funções tradicionalmente ocupadas por homens. Contudo, esta evolução não eliminou totalmente perceções e preconceitos que continuam a influenciar a forma como muitas profissionais são avaliadas. Em diversos contextos, as mulheres continuam a enfrentar julgamentos relacionados com o género que raramente são aplicados aos seus colegas homens (Franks, 2013).

As perceções do público refletem frequentemente transformações sociais mais amplas. À medida que aumenta a presença feminina em áreas de destaque do jornalismo desportivo, também se observa uma maior aceitação da participação das mulheres enquanto repórteres, apresentadoras, comentadoras ou analistas. Apesar disso, persistem opiniões que associam o conhecimento desportivo e a autoridade profissional ao universo masculino, particularmente em modalidades como o futebol.

A compreensão destas perceções torna-se especialmente relevante porque a opinião pública pode funcionar simultaneamente como fator de mudança e como elemento de resistência à igualdade. As atitudes dos públicos influenciam o reconhecimento profissional das jornalistas e condicionam a forma como os próprios meios de comunicação organizam os seus conteúdos e equipas.

3.5.1. Visibilidade das mulheres no jornalismo desportivo

A visibilidade constitui uma das dimensões mais importantes quando se analisa a presença feminina no jornalismo desportivo. Estar presente nos meios de comunicação não significa apenas ocupar espaço, mas também participar de forma ativa na produção e apresentação da informação. A visibilidade permite aumentar o reconhecimento profissional e contribui para a normalização da presença das mulheres num setor tradicionalmente associado aos homens.

Nas últimas décadas, verificou-se um crescimento da participação feminina em diferentes funções dentro do jornalismo desportivo. Atualmente, é possível encontrar mulheres a desempenhar funções de reportagem, apresentação, coordenação editorial e comentário em diversos meios de comunicação. Esta presença mais frequente representa uma mudança significativa relativamente a períodos anteriores, em que as mulheres surgiam de forma mais pontual ou em funções menos visíveis.

Apesar desta evolução, a visibilidade feminina continua a apresentar algumas limitações. Em muitos contextos, os homens continuam a ocupar a maioria dos espaços de maior exposição pública, sobretudo em programas de análise, comentários especializados e cobertura dos principais eventos futebolísticos. Esta diferença demonstra que a presença feminina aumentou, mas nem sempre se distribui de forma equilibrada pelos diferentes níveis de visibilidade profissional (Global Media Monitoring Project, 2020).

A importância da visibilidade ultrapassa a questão da representação. Quanto maior for a presença de mulheres em posições de destaque, maior tende a ser a normalização da sua participação junto do público e das futuras gerações de profissionais. A visibilidade funciona assim, como um elemento fundamental para combater estereótipos e reforçar a ideia de que o jornalismo desportivo é um espaço acessível a qualquer pessoa, independentemente do género.

3.5.2. Perceção de desigualdade e credibilidade

A credibilidade representa um dos aspetos mais relevantes na atividade jornalística. No jornalismo desportivo, esta questão assume particular importância devido ao peso que o conhecimento técnico, a análise e a interpretação dos acontecimentos possuem na avaliação dos profissionais. Apesar dos progressos alcançados, diversos estudos demonstram que muitas mulheres continuam a enfrentar desafios relacionados com a perceção da sua competência profissional (North, 2016).

Em alguns contextos, as jornalistas desportivas são sujeitas a níveis de escrutínio superiores aos aplicados aos homens. A necessidade de demonstrar conhecimento sobre modalidades, equipas ou aspetos táticos continua a ser uma realidade referida por diversas profissionais do setor. Esta situação revela a persistência de ideias que associam o domínio do desporto ao universo masculino, mesmo quando não existem diferenças objetivas de competência.

A perceção de desigualdade manifesta-se também através das expectativas diferenciadas que recaem sobre homens e mulheres. Enquanto os homens tendem a ser avaliados principalmente pelo seu desempenho profissional, as mulheres podem enfrentar julgamentos adicionais relacionados com fatores externos à sua atividade, como a aparência ou a forma de comunicação. Estas diferenças contribuem para reforçar obstáculos à construção de uma perceção plenamente igualitária da profissão.

Apesar destes desafios, observa-se uma evolução gradual nas atitudes do público. O aumento da presença feminina e a crescente diversidade de funções desempenhadas por mulheres no jornalismo

desportivo têm contribuído para uma maior aceitação e reconhecimento da sua competência profissional.

3.5.3. O jornalismo desportivo como espaço ainda masculinizado

Embora o setor tenha registado mudanças significativas, o jornalismo desportivo continua frequentemente a ser percecionado como um espaço predominantemente masculino. Esta visão resulta não apenas da composição histórica das redações, mas também da forte ligação entre o desporto, especialmente o futebol, e valores tradicionalmente associados à masculinidade.

A predominância masculina é visível em vários níveis da atividade profissional. Os homens continuam a ocupar a maioria dos cargos de liderança, dos espaços de comentário especializado e das funções de maior notoriedade mediática. Esta realidade contribui para a manutenção da ideia de que determinadas posições continuam mais associadas ao género masculino do que ao feminino (Franks, 2013).

A própria cultura profissional do setor foi construída ao longo de décadas num contexto onde a participação masculina era dominante. Consequentemente, algumas práticas, referências e formas de interação continuam a refletir essa herança histórica, tornando mais lenta a transformação das dinâmicas existentes.

A perceção do jornalismo desportivo como um espaço masculinizado também é influenciada pela cobertura mediática. A centralidade do futebol masculino, a reduzida visibilidade de modalidades femininas e a menor presença de mulheres em funções de comentário reforçam a ideia de que o desporto continua a ser um território essencialmente masculino.

Apesar disso, a crescente participação de mulheres nas redações, nos programas televisivos e nos meios digitais demonstra que esta realidade se encontra em transformação. O aumento da diversidade profissional tem contribuído para questionar modelos tradicionais e para construir uma imagem mais inclusiva do setor.

3.5.4. Perspetivas de mudança e igualdade no setor

As transformações observadas nas últimas décadas permitem identificar sinais positivos relativamente ao futuro da igualdade de género no jornalismo desportivo. O crescimento da presença feminina nas redações, o aumento da visibilidade das profissionais e a maior sensibilização para questões relacionadas com a diversidade demonstram que o setor tem vindo a evoluir de forma gradual.

A mudança depende, em grande medida, da capacidade das organizações mediáticas para promover oportunidades equitativas e criar ambientes profissionais inclusivos. A igualdade não se resume ao acesso à profissão, exigindo também condições semelhantes de progressão, reconhecimento e participação nos processos de decisão editorial (UNESCO, 2019).

A formação académica e a entrada de novas gerações de profissionais constituem igualmente fatores importantes para a transformação do setor. O aumento do número de mulheres nos cursos de Comunicação e Jornalismo contribui para uma presença cada vez mais diversificada nas redações e para uma renovação das práticas profissionais.

Também a evolução das atitudes sociais desempenha um papel relevante. À medida que o público se habitua à presença de mulheres em diferentes funções do jornalismo desportivo, tende a diminuir a influência de estereótipos que durante muito tempo condicionaram a perceção da competência profissional feminina.

Embora persistam desafios significativos, as mudanças observadas permitem perspetivar um setor mais equilibrado e inclusivo. O caminho para a igualdade continua em construção, mas os progressos registados demonstram que a presença das mulheres no jornalismo desportivo deixou de ser uma exceção para assumir um papel cada vez mais relevante na realidade mediática contemporânea.

3.6. Porto Canal: práticas, representatividade, evolução e sucesso

A análise da realidade do Porto Canal assume particular relevância no contexto deste estudo, não apenas pela sua ligação ao universo do jornalismo desportivo, mas também por constituir o local onde foi realizado o estágio curricular que serviu de base à componente prática desta investigação. A observação direta do funcionamento da redação, complementada pelas entrevistas realizadas às jornalistas Francisca Santos e Carolina Cardoso, permitiu recolher testemunhos que ajudam a compreender de que forma as questões da igualdade de género se manifestam num contexto profissional concreto.

Ao contrário de muitas das situações descritas nas pesquisas nos capítulos anteriores, os testemunhos recolhidos revelam uma perceção bastante positiva relativamente à integração das mulheres no contexto profissional do Porto Canal. As duas jornalistas entrevistadas referem não terem experienciado situações de discriminação ou tratamento diferenciado em função do género,

destacando sobretudo a igualdade de oportunidades existente na redação.

Francisca Santos afirma que nunca sentiu que o seu trabalho tivesse sido colocado em causa por ser mulher, referindo que "acho que faço exatamente as mesmas coisas que os meus colegas homens". A jornalista acrescenta ainda que, ao longo do seu percurso profissional, nunca observou uma distribuição diferenciada de tarefas baseada no género, explicando que "não há essa distinção. Não há hoje futebol, vai este por ser homem em vez desta por ser mulher". Segundo o seu testemunho, as oportunidades profissionais são atribuídas com base na competência e disponibilidade dos profissionais, independentemente do sexo.

Esta perceção é reforçada por Carolina Cardoso, que descreve a sua experiência profissional como marcada pela normalidade e pela igualdade de tratamento. Segundo a jornalista, "sempre me senti uma pessoa avaliada pelas suas capacidades e não pelo seu género", acrescentando que nunca sentiu qualquer diferença de oportunidades dentro da estrutura do canal. Para Carolina Cardoso, o fator determinante para a progressão profissional deve ser exclusivamente a competência demonstrada por cada profissional e não critérios relacionados com o género.

A observação realizada durante o estágio curricular permitiu confirmar muitas das perceções expressas pelas entrevistadas. Ao longo do período de integração na redação foi possível verificar a participação ativa de mulheres em diferentes áreas da produção jornalística, incluindo reportagem, apresentação, produção de conteúdos, narração e cobertura de eventos desportivos. As tarefas eram distribuídas de acordo com critérios profissionais e operacionais, sem que se observassem limitações ou exclusões associadas ao género dos jornalistas.

Esta realidade assume uma particular relevância quando comparada com algumas das dificuldades identificadas por diversos estudos sobre o jornalismo desportivo. Embora as pesquisas apontem frequentemente para fenómenos de exclusão, invisibilidade ou de limitação de funções atribuídas às mulheres, o caso observado sugere a existência de contextos organizacionais onde essas barreiras se encontram significativamente atenuadas.

Contudo, as entrevistas também revelam uma distinção importante entre aquilo que acontece dentro da organização e aquilo que continua a ocorrer no espaço público. Ambas as jornalistas identificam as audiências e as redes sociais como um dos locais onde persistem manifestações de desigualdade e resistência à presença feminina no jornalismo desportivo.

Francisca Santos refere que o principal problema que continua a observar está relacionado com a receção pública das mulheres que comentam ou analisam futebol. Como explica, "se uma mulher na

televisão faz um comentário, principalmente as comentadoras raparigas, são muito massacradas nas redes sociais". A jornalista destaca particularmente o caso de Sofia Oliveira, considerando que muitas das críticas dirigidas à comentadora resultam do facto de ser mulher e não necessariamente da qualidade das suas intervenções.

Também Carolina Cardoso identifica esta questão como um dos principais desafios atuais. Segundo a jornalista, existe ainda uma tendência para atribuir maior credibilidade aos homens quando se trata de comentar ou analisar desporto, sobretudo futebol. Na sua perspetiva, "o telespectador vai sempre ter mais tendência a sentir que o homem percebe mais do assunto do que propriamente a mulher". Esta perceção demonstra que, apesar dos avanços registados nas redações, continuam a existir representações culturais que associam o conhecimento desportivo ao universo masculino.

Outro aspeto referido pelas entrevistadas relaciona-se com a pressão exercida sobre a aparência física das mulheres. Francisca Santos considera que "a imagem da mulher tem mais peso que a imagem de um homem", enquanto Carolina Cardoso entende que esta realidade não se limita ao jornalismo desportivo, mas reflete uma tendência mais ampla da sociedade contemporânea, onde as mulheres continuam a ser avaliadas com maior frequência a partir da sua aparência.

A questão da visibilidade feminina também surge de forma recorrente nos testemunhos recolhidos. Ambas as jornalistas reconhecem que a presença das mulheres aumentou significativamente nos últimos anos, sobretudo em funções de reportagem e apresentação. No entanto, continuam a considerar que os cargos de maior notoriedade pública permanecem maioritariamente ocupados por homens.

Francisca Santos refere que, quando se pensa em referências do jornalismo desportivo português, "infelizmente, não são mulheres" os primeiros nomes que surgem na memória coletiva. De forma semelhante, Carolina Cardoso destaca que continua a ser raro encontrar mulheres em funções como a narração de jogos ou o comentário permanente em programas de análise desportiva, embora reconheça que a situação tem vindo a melhorar progressivamente.

Apesar destas limitações, ambas as entrevistadas demonstram uma visão otimista relativamente ao futuro da profissão. Francisca Santos considera que o crescimento da presença feminina é evidente e que as novas gerações dispõem hoje de mais oportunidades para ingressar no setor. Carolina Cardoso partilha uma perspetiva semelhante, defendendo que a igualdade será alcançada à medida que a presença das mulheres em diferentes funções deixar de ser encarada como algo extraordinário ou inesperado

Os resultados obtidos através deste estudo de caso permitem ainda identificar o Porto Canal como um exemplo relevante de evolução positiva no panorama do jornalismo desportivo português. A experiência observada durante o estágio curricular, bem como os testemunhos recolhidos junto das jornalistas entrevistadas, demonstram a existência de um ambiente profissional onde a igualdade de oportunidades se sobrepõe às questões de género. A participação ativa de mulheres em funções de reportagem, apresentação, produção e cobertura de eventos desportivos evidencia uma cultura organizacional baseada na valorização da competência e do mérito profissional.

Embora os desafios associados à credibilidade feminina, à visibilidade mediática e à persistência de estereótipos sociais continuem presentes no setor, o caso do Porto Canal demonstra que é possível construir modelos de trabalho mais inclusivos e equilibrados. Neste sentido, o canal surge como um exemplo de boas práticas e um caso de sucesso no processo de transformação do jornalismo desportivo português, contribuindo para a normalização da presença feminina num espaço historicamente masculinizado. Mais do que integrar mulheres nas suas equipas, o Porto Canal evidencia que a verdadeira inclusão passa pela atribuição das mesmas responsabilidades, oportunidades e condições de progressão profissional, independentemente do género. Desta forma, constitui um exemplo concreto de como as mudanças estruturais defendidas ao longo deste capítulo podem ser implementadas na prática, servindo de referência para outras redações e organizações mediáticas do setor desportivo.

Conclusão

O jornalismo desportivo português tem sido historicamente marcado por uma forte predominância masculina, reflexo este da associação tradicional entre o desporto, particularmente o futebol, e o universo masculino. Contudo, ao longo das últimas décadas, a presença das mulheres neste setor tem vindo a crescer de forma significativa, acompanhado de transformações sociais, culturais e profissionais verificadas na sociedade portuguesa.

A análise desenvolvida ao longo deste projeto permitiu compreender que, apesar dos avanços alcançados, continuam a existir obstáculos que condicionam a plena igualdade de género no jornalismo desportivo. Questões relacionadas com a credibilidade profissional, a sub-representação em cargos de maior visibilidade, a valorização excessiva da aparência física e a persistência de discursos discriminatórios demonstram que muitas das desigualdades atuais já assumem formas mais subtis do que no passado, mas continuam presentes.

Por outro lado, foi igualmente possível identificar sinais claros de mudança. A crescente presença de mulheres em funções de reportagem, apresentação, comentários e narrações desportivas, evidenciam uma transformação progressiva do setor. Profissionais como Rita Latas, Sofia Oliveira, Cláudia Lopes ou Sara Freitas representam exemplos de uma nova geração de mulheres que tem vindo a conquistar espaço e reconhecimento num contexto tradicionalmente masculinizado.

A realização do estágio curricular no Porto Canal constituiu um elemento fundamental para a compreensão prática desta realidade. A experiência permitiu observar diretamente o funcionamento de uma redação desportiva e verificar de que forma as questões da igualdade de género se manifestam no contexto profissional. Ao contrário de muitas das dificuldades identificadas nas pesquisas, a realidade observada durante o estágio revelou um ambiente de trabalho caracterizado pela igualdade de oportunidades e pela valorização das competências individuais.

As entrevistas realizadas às jornalistas Francisca Santos e Carolina Cardoso reforçam esta perceção. Ambas destacaram que nunca sentiram qualquer discriminação dentro do Porto Canal por serem mulheres e sublinharam que as oportunidades são distribuídas de forma equitativa entre profissionais de ambos os géneros.

Enquanto estagiária, foi igualmente possível confirmar esta realidade. Durante o período de estágio não foram observadas diferenças de tratamento entre homens e mulheres, quer na distribuição de tarefas, quer no acesso a oportunidades profissionais. O ambiente de trabalho revelou-se inclusivo,

colaborativo e assente no respeito mútuo, permitindo que todos os profissionais desenvolvessem as suas funções em condições de igualdade.

Desta forma, o Porto Canal surge neste estudo como um exemplo claro e como um caso de sucesso da evolução que tem vindo a ocorrer no jornalismo desportivo português.

Conclui-se, assim, que o caminho para uma maior igualdade no jornalismo desportivo ainda não está concluído, mas os progressos registados nas últimas décadas permitem que o futuro seja encarado com otimismo. A crescente presença feminina nas redações, aliada à transformação das mentalidades e das práticas profissionais, constitui um passo importante para a construção de um jornalismo desportivo mais diverso, representativo e inclusivo. O caso do Porto Canal demonstra que essa mudança não é apenas possível, mas já é uma realidade em determinados contextos profissionais, podendo servir de referência para a evolução do setor no futuro.

Referências Bibliográficas

- Boyle, R. (2017). *Sports journalism: Changing journalism practice and digital media*. Routledge.
- Boyle, R., & Haynes, R. (2009). *Power play: Sport, the media and popular culture* (2nd ed.). Edinburgh University Press.
- Briggs, A., & Burke, P. (2009). *A social history of the media: From Gutenberg to the Internet* (3rd ed.). Polity Press.
- Canavilhas, J. (2014). *Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença*. Livros LabCom.
- Carvalho, F. P. (2022). *O jornalismo desportivo em Portugal: Transformações digitais e novos desafios*.
- Coelho, J. N. (2001). *Portugal: A equipa de todos nós – Nacionalismo, futebol e media*. Afrontamento.
- Comité Olímpico de Portugal. (2020). *Homenagem às mulheres jornalistas desportivas portuguesas*.
- Correia, F., & Baptista, C. (2007). *Jornalistas: Do ofício à profissão*. Caminho.
- European Institute for Gender Equality. (2020). *Gender Equality Index 2020: Digitalisation and the future of work*.
- Franks, S. (2013). *Women and journalism*. I.B. Tauris.
- Goffman, E. (1979). *Gender advertisements*. Harper & Row.
- Hutchins, B., & Rowe, D. (2012). *Sport beyond television: The Internet, digital media and the rise of networked media sport*. Routledge.
- Jenkins, H. (2006). *Convergence culture: Where old and new media collide*. New York University Press.
- Máxima. (2023). *Entrevista a Cláudia Lopes*.
- McCombs, M. (2004). *Setting the agenda: The mass media and public opinion*. Polity Press.
- McQuail, D. (2010). *McQuail's mass communication theory* (6th ed.). Sage.
- North, L. (2016). *Damaging and daunting: Female journalists' experiences of sexual harassment in the newsroom*. *Feminist Media Studies*, 16(3), 495–510.

- North, L. (2016). The gender of “soft” and “hard” news: Female journalists’ views on gendered story allocations. *Journalism Studies*, 17(3), 356–373.
- Pinheiro, F. (2010). História da imprensa desportiva em Portugal. Afrontamento.
- Pinhão, L. (2023). Declarações sobre a presença feminina nas redações desportivas portuguesas.
- Ross, K., & Carter, C. (2011). Women and news: A long and winding road. *Media, Culture & Society*, 33(8), 1148–1165.
- Rowe, D. (2004). Sport, culture and the media: The unruly trinity. Open University Press.
- Silva, M. J. M. (2013). A cobertura do futebol nos jornais desportivos portugueses: O Jogo, A Bola e Record.
- Silveirinha, M. J. (2004). *As mulheres e os media*. Livros Horizonte.
- Stofer, K., Schaffer, J., Rosenthal, B., & Lee, D. (2010). *Sports journalism: An introduction to reporting and writing*. Rowman & Littlefield.
- Subtil, F. (2009). Mulheres jornalistas em Portugal: Percursos, identidades e estratégias. Livros Horizonte.
- Sousa, H. (2026, February 25). Visibilidade feminina nos média recua para 24%. *Observador*. <https://observador.pt/2026/02/25/regulador-recebe-dezenas-de-queixas-e-participacoes-sobre-desigualdade-de-genero-nos-media/>
- Tuchman, G. (1978). The symbolic annihilation of women by the mass media. In G. Tuchman, A. K. Daniels, & J. Benét (Eds.), *Hearth and home: Images of women in the mass media*. Oxford University Press.³
- UNESCO. (2012). Gender-sensitive indicators for media.
- UNESCO. (2019). Gender, media and ICTs: New approaches for research, education and training.
- UNESCO. (2021). The chilling: Global trends in online violence against women journalists.
- UNESCO.
- van Zoonen, L. (1994). *Feminist media studies*. Sage.
- Ventura, A. (2012). As mulheres jornalistas em Portugal: Percursos e desafios. Livros Horizonte.